

9. Críticas revisionistas da Teoria Leninista do Imperialismo

Vamos agora lidar com algumas críticas que foram levantadas por várias correntes centristas contra a Teoria Leninista do Imperialismo. O que essas críticas centristas têm em comum é que negam implicitamente ou explicitamente as contradições fundamentais da época imperialista da qual a super-exploração do mundo semicolonial pelo capital monopolista é uma das principais características. Relacionado a isso está sua ignorância aberta ou oculta da existência da aristocracia trabalhista como uma camada superior do proletariado que é subornado pelos monopólios. O centrismo nega ou ignora essas características essenciais do imperialismo porque o reconhecimento claro destes os obrigaria a lutar abertamente contra todas as correntes políticas, ideológicas e organizacionais relacionadas à aristocracia trabalhista. Também os obrigaria a lutar abertamente contra suas próprias potências imperialistas com todas as consequências, incluindo a incapacidade de defender todas as semicolônias atacadas por sua potência imperialista e conseqüentemente não pedir a derrota deste último.

O centrismo não é capaz de uma posição internacionalista tão consistente. A razão para isso é que ele reflete de uma ou outra forma um ponto de vista de classe pequeno-burguesa. Para ser mais preciso, reflete a pressão da burocracia e da aristocracia trabalhista, assim como da intelectualidade progressista que novamente se adapta à classe capitalista e ao seu Estado. Portanto, eles geralmente ignoram as camadas inferiores e oprimidas do proletariado. Pela mesma razão, eles geralmente negam abertamente ou implicitamente a necessidade de esmagar o Estado capitalista e o caráter violento necessário da revolta armada e da revolução socialista em geral. É por isso que o Partido Bolchevique escreveu em seu Programa de 1919 que "*o movimento 'centrista' é também uma distorção burguesa do socialismo*". (1)

A Essência do Centrismo

Em uma Carta Aberta em 1920, Lênin explicou a diferença de classe entre o marxismo, que é o bolchevismo, por um lado e o centrismo, que é o menchevismo, por outro lado e, portanto, o dever dos comunistas de romper decisivamente com este último:

"Na verdade, está acontecendo uma luta entre os elementos proletários revolucionários e os elementos pequeno-burgueses oportunistas. Hoje, como no passado, os últimos incluem os Hilferdings, os Dittmauns, os Crispiens, numerosos membros dos grupos parlamentares na Alemanha e na França, etc. Uma luta entre essas duas tendências políticas está em andamento em todos os países, sem exceção. Essa luta tem uma longa história. Cresceu de forma extremamente aguda em toda parte durante a guerra imperialista, e se agravou desde então. O oportunismo é representado por elementos da "aristocracia operária", a velha burocracia nos sindicatos, sociedades cooperativas, etc., pelas camadas pequeno-burguesas intelectualistas, etc. Sem a eliminação desta

tendência - que, por sua vacilação e seu “menchevismo” (os Dittmanns e Crispiens se assemelham totalmente aos nossos mencheviques), de fato, exerce a influência da burguesia sobre o proletariado de dentro do movimento da classe trabalhadora, de dentro dos partidos socialistas - sem a eliminação dessa tendência, uma ruptura com ela, e a expulsão de todos os seus representantes proeminentes, será impossível reunir o proletariado revolucionário.

Por sua constante guinada para o reformismo e menchevismo, e sua incapacidade de pensar e agir em termos de revolução, os Dittmanns, os Crispiens, etc., sem perceber o fato, estão na verdade levando a influência burguesa para o proletariado de dentro do partido proletário - eles subordinam o proletariado ao reformismo burguês. Só o rompimento com tais e semelhantes pode levar à unidade internacional do proletariado revolucionário, contra a burguesia e pela derrubada da burguesia.” (2)

Trotsky, que experimentou as várias formas de centrismo por muito mais tempo, deu em 1929 uma definição abrangente de centrismo. Ele descreveu-a como uma expressão política dos interesses e humores da burocracia trabalhista pequeno-burguesa:

“O principal reservatório do oportunismo internacional, ou seja, do colaboracionismo de classe, é a pequena burguesia, como uma classe ampla, amorfa, ou mais corretamente, um acúmulo estratificado de numerosas subclasses que sobraram da produção pré-capitalista ou recém-criadas pelo capitalismo, e formando uma série de degraus sociais entre o proletariado e a burguesia capitalista. (...) O declínio completo da pequena burguesia, sua perda de importância econômica, privou-a para sempre da possibilidade de trabalhar uma representação política independente que pudesse liderar o movimento revolucionário das massas trabalhadoras. Em nossa época, a pequena burguesia oscila entre os polos extremos da ideologia contemporânea: o fascismo e o comunismo. Precisamente essas oscilações dão à política na época imperialista o caráter de uma curva de malária.

O colaboracionismo de classe no movimento operário tem uma qualidade mais persistente justamente porque seus proponentes diretos não são os partidos “independentes” da pequena burguesia, mas sim a burocracia trabalhista, que afunda suas raízes profundamente na classe trabalhadora por meio da aristocracia trabalhista.

A burocracia trabalhista, por suas condições de existência, está mais próxima da pequena burguesia (oficialismo, profissões liberais, e assim por diante) do que do proletariado. No entanto, constitui um produto específico do movimento da classe trabalhadora; é recrutado de suas fileiras. No aspecto primitivo, tendências e humores colaboracionistas são elaborados por toda a pequena burguesia; mas sua transformação, sua adaptação às peculiaridades, às necessidades e, sobretudo, às fraquezas da classe trabalhadora – essa é a missão específica da burocracia trabalhista. Oportunismo é sua ideologia, e inculca e impõe essa ideologia ao proletariado utilizando a poderosa pressão das ideias e instituições da burguesia, explorando a fraqueza e a imaturidade das massas trabalhadoras. As formas de oportunismo às quais a burocracia trabalhista recorre – colaboracionismo aberto, centrismo ou uma combinação de ambos – depende da tradição política de um país, das relações de classe de um dado momento, do poder ofensivo do comunismo, e assim por diante e assim por diante.

Assim como em certas circunstâncias, a luta entre partidos burgueses pode assumir um caráter mais violento e até mesmo sangüinário, mantendo-se uma luta pelos interesses da propriedade de ambos os lados, de modo que a luta entre colaboracionismo aberto e centrismo pode assumir um caráter extremamente violento e até mesmo

desesperado em certos momentos, permanecendo dentro dos limites de tendências pequeno burguesas adaptadas pela burocracia trabalhista de diferentes formas para a manutenção de suas posições de liderança na classe trabalhadora." (3)

A essência basicamente oportunista do centrismo não a impede de vacilar às vezes para posições radicais e até revolucionárias. Na verdade, essa combinação de adaptação fundamental ao reformismo com vai e volta inconsistentes à esquerda é característica do centrismo. É por isso que Trotsky chegou ao seguinte – como ele chamou – de "*definição científica*" do centrismo:

"Centrismo é o nome aplicado a essa política que é oportunista em substância e que procura aparecer como revolucionário na forma. O oportunismo consiste em uma adaptação passiva à classe dominante e ao seu regime, ao que já existe, incluindo, é claro, os limites do Estado. O centrismo compartilha completamente esse traço fundamental do oportunismo, mas ao adaptar-se aos trabalhadores insatisfeitos, o centrismo o veda por meio de comentários radicais. Se continuarmos com essa definição científica, parecerá que a posição do nosso infeliz crítico é em parte e em todo centrista." (4)

Antes de continuar essa caracterização geral do centrismo, incluindo críticas concretas, precisamos empreender uma diferenciação adicional. Dissemos que o centrismo é uma expressão da pequena burguesia. Dado o contexto deste livro, é importante apontar a diferença de a posição de classe entre a pequena burguesia nos países imperialistas e a pequena burguesia nos países semicoloniais. Nos países imperialistas, a moderna pequena burguesia muitas vezes existe na forma da classe média (assalariada ou autônoma). As tendências políticas relacionadas a essas camadas são frequentemente marcadas pela adaptação aos preconceitos da classe dominante nesses países – capitais dos monopólios imperialistas. Portanto, o centrismo no mundo imperialista é frequentemente colorido com manchas de pacifismo, secularismo liberal, ignorância em relação aos estratos inferiores da classe trabalhadora, incluindo migrantes, suavidade em relação ao seu próprio imperialismo e aristocracia trabalhista, etc. O centrismo no mundo semicolonial também se adapta a camadas não proletárias. Mas dada a natureza dos países semicoloniais como nacionalmente oprimidos e super-explorados pelo imperialismo, seu oportunismo pode adaptar-se ao imperialismo (que muitas vezes é canalizado através do entrelaçamento com ONGs ou as seções da burocracia trabalhista que novamente está ligada aos social-imperialistas como os líderes da federação sindical dos EUA AFL-CIO) por um lado. Mas também pode muitas vezes adaptar-se ao nacionalismo burguês e pequeno-burgueses, bem como ao fundamentalismo religioso que é direcionado contra o imperialismo, por outro lado.

Vindo de tal análise de classe do centrismo, era óbvio que os clássicos marxistas o definissem como uma corrente "*não revolucionária, não marxista*" dentro do movimento operário. (5)

Negação do Conceito de Semicolônias

Um dos pilares essenciais da rejeição revisionista da Teoria Leninista do Imperialismo é sua recusa em entender os chamados países do Terceiro Mundo como nações semicoloniais dependentes. De tal forma escreveu o falecido líder do *Partido dos Trabalhadores Socialistas- PTS* da organização internacional *Tendência Socialista Internacional-TSI* (em inglês- SWP/IST) Chris Harman:

"Falar do Estado como 'semicolonial' ou 'neocolonial' reforça essa percepção equivocada. O imperialismo é um inimigo em qualquer lugar. Mas na maioria das vezes o agente imediato de exploração e opressão é a classe dominante nativa e o estado nacional. Estes colaboram com um ou outro dos imperialismos dominantes e impõem os horrores do sistema mundial à população nativa. Mas eles fazem isso no interesse da classe dominante nativa, bem como de seu aliado imperial, não porque os ricos locais esqueceram temporariamente algum 'interesse nacional' que compartilham com aqueles que exploram." (6)

Ele argumenta que, uma vez que as colônias ganharam independência formal do Estado, seria errado chamá-las de "semicoloniais":

"Mas em alguns dos casos mais importantes a independência significava realmente independência. Os governos passaram não só a tomar assentos nas Nações Unidas e criar embaixadas em todo o mundo. Eles também intervieram na economia, nacionalizando empresas coloniais, implementando reformas agrárias, embarcando em esquemas de industrialização inspirados na pregação dos teóricos da dependência latino-americana ou, muitas vezes, pela Rússia de Stalin. Tais coisas foram realizadas com diferentes graus de sucesso ou fracasso na Índia, Egito, Síria, Iraque, Argélia, Indonésia, Gana, Guiné Equatorial, Angola, Taiwan e Coreia do Sul, bem como pelos regimes mais radicais da China, Cuba e Vietnã. (...) Chamar regimes como o Egito de Nasser ou a Índia de Nehru de 'neocolonial' ou 'semicolonial' foi uma farsa." (7)

Armados com tais argumentos, os líderes do IST afirmam que a teoria do imperialismo de Lênin não é mais relevante para o mundo de hoje:

"A própria força da abordagem de Lênin repousa em sua insistência de que as grandes potências ocidentais foram levadas a dividir e re-dividir o mundo entre eles, levando à guerra por um lado e ao domínio colonial direto por outro. Isso dificilmente se encaixava em uma situação em que a possibilidade de guerra entre estados ocidentais parecia cada vez mais remota e as colônias tinham ganhado independência." (8)

A mesma linha de argumento é repetida por John Rees, que foi um líder de longa data do SWP/IST e atualmente lidera – juntamente com Lindsey German – o grupo britânico *Counterfire*:

"Desde a Segunda Guerra Mundial, as colônias formais ganharam em grande parte sua independência. Nações oprimidas vieram e se foram, lutaram sua batalha, e se juntaram ao sistema internacional de Estados em fileiras mais ou menos subordinadas. Este processo começou com as colônias americanas na década de 1770 e correu para a libertação da Irlanda e da Índia, entre muitos outros, no século XX. Mas isso não significa que a questão nacional tenha desaparecido — apenas que ela, como o próprio imperialismo, evoluiu novas formas. As classes dominantes locais que tomaram o lugar de seus soberanos coloniais têm muitas vezes lutado para suprimir novas forças nacionalistas dentro de suas, muitas vezes, fronteiras artificiais. Assim foi, por exemplo, que a nova classe dominante indonésia pós-independência lutou para suprimir o timorense oriental. Igualmente, essas novas classes dominantes têm lutado contra a força econômica e militar ainda presente das grandes potências. E

isso nos devolve à necessidade, como argumentou Lukács, de avaliar cada luta anti-imperialista do ponto de vista de todo o alinhamento contemporâneo das forças no sistema imperialista." (9)

A mesma lógica política é implantada pelo britânico Comitê para o Renascimento Marxista (CRM), seu principal componente, o exilado grupo *Tendência Iraniana Dos Marxistas Revolucionários* (TIMR). Eles argumentam que a relação entre os estados imperialistas e o Sul mudou fundamentalmente desde os tempos de Lênin e Trotsky sendo assim que seu modelo teórico não seja mais preciso hoje:

"Embora estejamos lidando com o mesmo modo de produção e época que o de Lênin e Trotsky, o mundo há muito tempo entrou em um período que incluiu mudanças importantes na relação entre os países imperialistas e aqueles que dominam. Este ponto de vista teórico, portanto, precisa de uma revisão para torná-lo relevante para um mundo modificado." (10) Os autores deste artigo, Maziar Razi e Morad Shirin, explicam a natureza dessa suposta mudança fundamental na relação entre os países imperialistas e semicoloniais:

"A posição de Trotsky sobre a guerra entre a Itália fascista e a Etiópia, e as ameaças britânicas contra um Brasil semifascista, são semelhantes à posição de Marx, por exemplo, sobre a Guerra Russo-Turca em 1878. Isso porque as condições não mudaram fundamentalmente entre 1878 e 1935 ou 1938. O ritmo de desenvolvimento durante esses 60 anos não produziu uma mudança qualitativa na estrutura de classes dessas sociedades."

Eles afirmam que esta mudança consiste no seguinte:

"A principal diferença entre então e agora: Acreditamos que, ao comparar a situação internacional geral em relação à questão nacional e colonial durante o início do século XX com as condições atuais, há uma diferença principal: o Comintern (Internacional Comunista) estava lidando com países dependentes em oposição às nações independentes.

Este novo desenvolvimento, por sua vez, teve as seguintes consequências: a burguesia nativa em vez dos governantes europeus chegou ao poder; o aparato estatal burguês nativo e o exército defendem o status quo; o capitalismo tornou-se o modo dominante de produção nas antigas sociedades pré-capitalistas; o crescimento e a importância econômica da classe trabalhadora (em vez de camponeses); crescimento da produção industrial e não agrícola; mudança para a vida urbana e não rural; e por último, mas não menos importante, a luta de classes - especialmente do proletariado - dentro da ex-nação colonial." (11)

Todo esse argumento está completamente errado do início ao fim. É claro que é verdade que a maioria das colônias se tornaram estados formalmente independentes. Por isso, a classe trabalhadora do Sul é frequentemente confrontada com capitalistas nativos e um governo nativo atacando-os. No entanto, enquanto para os marxistas este deve ser o ponto de partida para a análise da relação entre o Sul e as potências imperialistas, o pensamento centrista termina com essa descrição superficial.

Lenin e Trotsky tinham conhecimento das semicolônias?

Vamos começar com a estranha suposição dos centristas de que Lênin, Trotsky e o Comintern estavam apenas lidando com colônias. Isso é simplesmente errado e um truque para declarar as posições dos clássicos marxistas como sólidas para o *período passado* em que viviam, mas como não mais relevantes para o período atual.

Na época de Lênin e Trotsky, partes significativas das nações capitalistas menos desenvolvidas não eram colônias, mas semicolônias: estas eram principalmente; quase toda a América Latina, Etiópia, Libéria, Arábia Saudita, Irã, Afeganistão, Tailândia e China. Nesses países, mais de 560 milhões de pessoas viviam em 1913, o que constituía 31,3% da população mundial na época. (12)

Embora sejam fatos históricos que dificilmente podem ser negados, poderia ser o caso de Lênin e Trotsky não saberem sobre eles? É claro que este não era o caso e, na verdade, eles lidaram repetidamente com o caso dos países semicoloniais. Mostramos isso com uma série de citações no Capítulo 1 em "*Os países semicoloniais: uma forma modificada de subjugação imperialista ou estados capitalistas independentes?*" Também o próprio Lênin se referiu à parcela significativa dos países semicoloniais da população mundial. (13) Voltemos a este assunto mais uma vez.

Em seu quarto congresso, a Internacional Comunista discutiu, em sua "*Teses sobre a Questão Oriental*", a questão da luta nas colônias e semicolônias extensivamente e desenvolveu extensivamente a tática anti-imperialista da frente única. Em clara contradição com as falsas reivindicações dos camaradas iranianos do TIMR e outros, o Comintern integrou explicitamente os países semicoloniais na questão geral da luta da parte do mundo que é oprimida e explorada pelas potências imperialistas. Vamos dar apenas alguns exemplos:

"Desde então, a luta contra a opressão imperialista nos países coloniais e semicoloniais tornou-se muito mais aguda como resultado de uma intensificação na crise política e econômica pós-guerra do imperialismo." (14)

Ao contrário daqueles como a tradição de Tony Cliff da *Tendência Socialista Internacional-TSI* (em inglês IST) que afirmam que o imperialismo não facilitou o desenvolvimento capitalista, o Comintern já reconheceu isso em 1922:

"Precisamente esse enfraquecimento da pressão imperialista sobre as colônias, juntamente com a intensificação constante da rivalidade entre os vários grupos imperialistas, tem facilitado o desenvolvimento do capitalismo nativo nos países coloniais e semicoloniais; ele superou os limites estreitos e restritos do governo imperialista das Grandes Potências, e este processo continua." (15)

O Comintern – novamente contra as falsas alegações de suas críticas revisionistas hoje – reconheceu claramente a existência de uma classe trabalhadora nos países coloniais e semicoloniais e a colocou no centro de sua estratégia:

"Os partidos comunistas dos países coloniais e semicoloniais têm uma dupla tarefa: lutam pela solução mais radical possível das tarefas de uma revolução burguesa-democrática, que visa a conquista da independência política; e organizam as massas trabalhadoras e camponesas para a luta por seus interesses de classe especial, e ao fazê-lo exploram todas as contradições no campo nacionalista burguês-democrático. Ao apresentar demandas

sociais, eles liberam a energia revolucionária para a qual as demandas burguesas-liberais não fornecem saída, e estimulam-na ainda mais. A classe trabalhadora das colônias e das semi-colônias deve aprender que somente a extensão e intensificação da luta contra o jugo imperialista das grandes Potências garantirá para eles o papel da liderança revolucionária, enquanto, por outro lado, apenas a organização econômica e política e a educação política da classe trabalhadora e os estratos semi-proletários da população podem ampliar a onda revolucionária da luta contra o imperialismo." (16)

Trotsky, que sobreviveu a Lênin por 16 anos – uma época em que uma série de lutas anti-imperialistas no Sul ocorreram – tratou repetidamente das questões das semicolônias. O que é óbvio em seus escritos é sua compreensão de que os países semicoloniais compartilham a mesma essência das colônias – ou seja, suas características de classe como países super-explorados e oprimidos pelos Estados imperialistas:

"Quanto às colônias, hesitaria em dizer qual delas é mais típica como colônia: esta seria a Índia, uma colônia no sentido formal, ou a China que preserva a aparência da independência ainda em sua posição mundial e o curso de seu desenvolvimento pertence ao tipo colonial. O capitalismo clássico está na Grã-Bretanha. Marx escreveu sua capital em Londres observando diretamente o desenvolvimento do país mais avançado — você saberá disso, embora eu não me lembre em que ano você cobre isso em... Nas colônias, o capitalismo não se desenvolve fora de seus próprios fragmentos, mas como uma intrusão do capital estrangeiro. Isso é o que cria os dois tipos diferentes." (17)

Trotsky expressou o mesmo pensamento quando falou em 1938 sobre a América Latina como uma quase-colônia dos Estados Unidos:

"Os EUA não têm colônias diretas, mas eles têm a América Latina e o mundo inteiro é uma espécie de colônia para os Estados Unidos..." (18)

É claro que a mesma essência não deve nos levar a ignorar as enormes diferenças entre as várias formas de países coloniais e semicoloniais, como explicou Trotsky:

"Os países coloniais e semicoloniais – e, portanto, atrasados – países, que abraçam de longe a maior parte da humanidade, diferem extraordinariamente uns dos outros em seu grau de atraso, representando uma escada histórica que vai do nômade, e até mesmo o canibalismo, até a cultura industrial mais moderna. A combinação de extremos em um grau ou outro caracteriza todos os países atrasados. No entanto, a hierarquia do atraso, se pode empregar tal expressão, é determinada pelo peso específico dos elementos da barbárie e da cultura na vida de cada país colonial. A África Equatorial fica muito atrás da Argélia, Paraguai atrás do México, Abissínia atrás da Índia ou da China. Com sua dependência econômica comum da metrópole imperialista, sua dependência política carrega em alguns casos o caráter da escravidão colonial aberta (Índia, África Equatorial), enquanto em outros é ocultada pela ficção da independência do Estado (China, América Latina)." (19)

Então vemos que Trotsky estava plenamente ciente da existência de países semicoloniais. Mas, em oposição às suas críticas revisionistas de hoje, ele entendeu que esses tipos de países são essencialmente uma forma ou uma variação de colônias exploradas e oprimidas pelo imperialismo.

Quando começou a Época do Imperialismo?

Antes de continuarmos este argumento, queremos salientar brevemente que há uma certa tendência entre alguns centristas de confundir a data do início da época imperialista. Como vimos na citação dos camaradas do TIMR Maziar Razi e Morad Shirin eles falam sobre o período 1878-1938 como sendo único e o mesmo: "*Isso é porque as condições não mudaram fundamentalmente entre 1878 e 1935 ou 1938. O ritmo de desenvolvimento durante esses 60 anos não produziu uma mudança qualitativa na estrutura de classes dessas sociedades.*" (20)

Um erro semelhante pode ser visto nos escritos do SWP/IST de Tony Cliff. Seu principal teórico Alex Callinicos desenvolve uma nova compreensão da época imperialista e a classifica no "*Imperialismo Clássico, 1875-1945*" e "*Imperialismo Superpoderoso, 1945-1990*". (21)

Como é bem conhecido, Lênin e todos os comunistas desde então dataram o início da época imperialista até o final do século XIX e início do século XX.

"O imperialismo, como o estágio mais alto do capitalismo na América e na Europa, e mais tarde na Ásia, tomou forma final no período 1898-1914. A Guerra Hispano-Americana (1898), a Guerra Anglo-Boer (1899-1902), a Guerra Russo-Japonesa (1904-05) e a crise econômica na Europa em 1900 são os principais marcos históricos na nova era da história mundial." (22)

Esta avaliação diferente do início da época imperialista não é uma questão pedante sobre datas exatas, mas reflete uma compreensão diferente de quais são as principais características desta época. Embora, é claro, o SWP/IST de Cliff, bem como o TIMR prestam serviço labial a uma definição da época imperialista como um de monopolização, na realidade eles – consciente ou inconscientemente – veem a forma de dominação colonial como a principal característica usada para diferenciar diferentes épocas. Para esses revisionistas, a questão das colônias formais ou dos países dependentes é a questão essencial então datam o início da época imperialista no momento em que as Grandes Potências lutam para colonizar o mundo inteiro de forma dramaticamente acelerada (por volta de 1875). Quando a maior parte do Sul se livrou da dominação colonial e tornou-se formalmente independente, mas permaneceram semicolônias (ou seja, após a Segunda Guerra Mundial), os centristas datam de um novo período – na verdade uma espécie de nova época.

Para nós, por outro lado, a característica decisiva da época imperialista é a o comando dos monopólios que resulta na super-exploração e opressão do mundo semicolonial (seja qual for a forma concreta). Foi assim que Lênin e Trotsky viram, como mostramos com inúmeras citações neste livro.

"Às vezes, a criação de Estados 'independentes' leva a um fortalecimento do imperialismo." (Lênin)

Isso significa que nada mudou desde a Segunda Guerra Mundial? Não, é claro que houve mudanças tremendas; as lutas de libertação nacional nas colônias que levaram à independência formal e à transformação em status semicolonial, industrialização maciça, o fortalecimento tanto da classe trabalhadora no Sul quanto da burguesia nativa – para citar alguns dos mais importantes. Mas os revisionistas concluem erroneamente que a essência da relação entre os países ricos, imperialistas e mais pobres, semicoloniais mudou.

Eles não entendem que o capitalismo em geral se transformou enormemente no século passado. Cem anos atrás, a classe trabalhadora teve que lutar em quase todos os lugares da Europa por demandas democráticas fundamentais, como o direito universal ao voto, à assembleia etc. Hoje, estes existem para a maioria dos trabalhadores (exceto para muitos migrantes). Cem anos atrás, a classe trabalhadora teve que lutar em quase todos os lugares da Europa por seu próprio apartamento ou casa. Eles nem podiam sonhar com seu próprio carro. Hoje muitos trabalhadores (embora não todos!) possuem tal nos países imperialistas. Embora nenhum trabalhador tivesse telefone naquela época, hoje até mesmo um número de trabalhadores nos países mais pobres possui um telefone celular.

É um argumento liberal clássico com o qual todos os lutadores de classe estão muito familiarizados: os liberais argumentam que as mudanças supostamente demonstrariam que o marxismo poderia ter sido justificado há 100 anos, mas não corresponde à realidade de hoje. "*A classe trabalhadora*" – diz o mito liberal – "*não existe mais*". Ou, como dizem outros liberais, a classe trabalhadora é apenas o trabalhador industrial e, portanto, está diminuindo em importância no mundo imperialista.

Todos os marxistas, naturalmente, argumentam contra isso, que essas mudanças – certamente não devem ser ignoradas – não mudaram a *substância* da exploração capitalista da classe trabalhadora, mas apenas sua forma. Karl Marx afirmou uma vez em *Capital Vol.1*, que é preciso olhar cientificamente por trás da aparência exterior para reconhecer a verdadeira essência: "*Mas toda a ciência seria supérflua se a aparência externa e a essência das coisas coincidissem diretamente.*" (23)

Com ou sem carro ou celular, com roupas sujas de trabalho ou um uniforme de escritório bem vestido – os trabalhadores recebem apenas uma parte de suas horas de trabalho e o resto é apropriado como mão-de-obra excedente pelos capitalistas e transformado em lucro. Com ou sem direito a voto, o sistema político é dominado pelos monopólios e a classe trabalhadora ainda é a classe explorada e oprimida no sistema burguês-parlamentar.

Tomemos outro exemplo: houve e ainda é uma diferença importante entre um pequeno negócio de artesanato que consiste em 5 trabalhadores por um lado e, por outro lado, uma grande empresa moderna com robôs e computadores de alta tecnologia e uma enorme força de trabalho. É óbvio que as formas de criação de valor e de exploração são muito diferentes nesses dois casos, mas ambas compartilham a característica fundamentalmente essencial – a exploração capitalista dos trabalhadores. Como dissemos, isso não significa que as mudanças de forma e aparência devem ser ignoradas, uma vez que a forma e a essência estão relacionadas. De fato – como observou o principal filósofo soviético na década de 1920, Abraham Deborin – "a '*Essência*' inclui o '*Insubstancial*' e contém a

relação com o outro, ou seja, sua correlação interior". (24) No entanto, essa relação tem que ser colocada no contexto certo ou, digamos, que seja mais definida sua hierarquia interna.

Certamente, o SWP/IST, o TIMR e os camaradas de pensamento semelhante concordarão com tais argumentos contra o absurdo liberal "*A classe trabalhadora e o marxismo estão mortos*". Mas, inconscientemente, eles repetem a mesma lógica liberal e pequeno-burguesa quando afirmam que a relação entre o Norte imperialista e o Sul semicolonial mudou fundamentalmente, mudou a tal ponto que este último não pode ser defendido contra os imperialistas, mudou a tal ponto que vários países do Sul se tornaram "sub-imperialistas" e assim por diante.

Mas como mostramos neste livro com muitos exemplos, isso não é verdade. Os imperialistas ainda super-exploram o mundo semicolonial. Também mostramos acima que Lênin e Trotsky consideraram a super-exploração imperialista das colônias, bem como das semicolônias como essencialmente da mesma natureza. Lênin comentou uma vez em uma nota ao livro de Bukharin, *Economia do Período de Transformação*: "*Às vezes, a criação de estados 'independentes' leva a um fortalecimento do imperialismo*". (25)

Em seu *Rascunho de Teses sobre Questões Nacionais e Coloniais para o Segundo Congresso da Internacional Comunista*, Lênin alertou particularmente contra a ilusão de que os países semicoloniais poderiam ganhar qualquer coisa como independência real enquanto o imperialista continuasse a existir:

"... a necessidade de explicar e expor constantemente entre as massas mais amplas de todos os países, e particularmente dos países atrasados, o engano sistematicamente praticado pelas potências imperialistas, que, sob o pretexto de Estados politicamente independentes, criaram estados totalmente dependentes deles economicamente, financeiramente e militarmente. Nas condições internacionais atuais, não há salvação para nações dependentes e fracas, exceto em uma união de repúblicas soviéticas." (26)

Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma série de lutas de libertação nacional que conseguiram expulsar as potências coloniais como Grã-Bretanha, França, Bélgica ou Países Baixos. Essas lutas, é claro, mereciam a total e incondicional solidariedade do movimento internacional da classe trabalhadora. No entanto, essas lutas de libertação nacional não foram concluídas. Dadas as lideranças burguesas e pequeno-burguesas dessas lutas anti-coloniais, esses novos estados permaneceram capitalistas e, portanto, permaneceram presos na economia mundial imperialista. Ao mesmo tempo, os EUA tornaram-se o líder indiscutível de potência imperialista. Tradicionalmente os E.U.A possuíam menos colônias pois que é um estado imperialista que chegou como uma potência mundial depois que o mundo já estava dividido entre os impérios coloniais. Portanto, uma transformação ocorreu do domínio direto das antigas potências coloniais para o governo indireto da nova potência colonial – o imperialismo dos EUA. De fato, desta forma o imperialismo foi fortalecido.

Países atrasados sem Indústria e sem Proletariado?

Os centristas justificam sua crítica pela suposição de que nos tempos de Lênin e Trotsky quase não existia qualquer industrialização dos países coloniais e semicoloniais e, portanto, quase nenhum proletariado existia. Como isso é diferente hoje, por isso o argumento deles vai no sentido de que não podemos aplicar a teoria leninista do imperialismo nas condições atuais. Então, por exemplo, os camaradas do TIMR escrevem:

"Trotsky estava lidando com países capitalistas pré-capitalistas ou muito fracos, sem movimento significativo da classe trabalhadora - ao lidar com o Brasil ele menciona o proletariado britânico, mas não o brasileiro. Mas tal posição poderia ser tomada agora, se digamos um poder imperialista ameaçasse o Brasil por alguma razão? Os marxistas poderiam ignorar o fato de que nos últimos 70 anos o capitalismo brasileiro cresceu aos trancos e barrancos? Que houve um enorme crescimento na diferenciação de classes e desigualdades sociais entre essas classes? Que a classe trabalhadora esteve envolvida em muitas lutas e amadureceu ao nível que experimentou tanto um governo reformista trabalhista quanto um conselho de fábrica? Que muitas outras seções da sociedade, como os negros, também desenvolveram importantes movimentos de massa?" (27)

Na verdade, Lênin e Trotsky estavam, naturalmente, plenamente cientes do processo contínuo de industrialização do mundo (semicolonial) e da formação de um proletariado local. Trotsky observou que após a Segunda Guerra Mundial um fluxo massivo de exportação de capital ocorreu para o Sul:

"Os Estados Unidos acumularam uma quantidade inacreditável de ouro: nos cofres do Banco Central há ouro mantido no valor de 3.000 milhões de dólares, ou seja, 6.000m de rublos de ouro. Isso inunda a economia dos Estados Unidos. Se você perguntar: a quem a Grã-Bretanha e os Estados Unidos dão empréstimos? — pois como você provavelmente já ouviu dizer que eles ainda não estão dando empréstimos para nós, a União Soviética, nem eles os dão para a Alemanha, eles deram à França algumas migalhas miseráveis para salvar o franco — então a quem eles os dão? Na maioria das vezes, eles os dão aos países coloniais; eles vão financiar o desenvolvimento industrial da Ásia, América do Sul e África do Sul. Não lhes darei números: eu tenho alguns, mas isso arrastaria demais o meu relatório, mas é suficiente dizer que até a última guerra imperialista os países coloniais e semicoloniais receberam dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha provavelmente cerca de metade dos créditos como fizeram os países capitalistas desenvolvidos, mas agora os investimentos financeiros nos países coloniais excedem , e excedem consideravelmente os investimentos nos antigos países capitalistas. Por que isso? As causas são muitas, mas as principais são duas: falta de confiança na velha Europa, arruinada e branca, com esse militarismo francês furioso em seu coração — um militarismo que ameaça sempre novas revoltas; e, por outro lado, a necessidade dos países coloniais como fontes de matérias-primas e como clientes para as máquinas e produtos manufaturados da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Durante a guerra observamos e observamos agora a industrialização de cabeça dos países coloniais, semicoloniais e dos países atrasados em geral: Japão, Índia, América do Sul, África do Sul e assim por diante." (28)

Contra a noção da TIMR de que o Comintern lidava com países que não tinham trabalhadores, Lênin observou já em 1916 que uma classe trabalhadora existia na maioria dos países oprimidos:

"As nações coloniais e semicoloniais, dissemos, representam 1.000 milhões de pessoas, e P. Kievsky não se deu ao trabalho de refutar essa declaração concreta. Destes 1.000 milhões, mais de 700 milhões (China, Índia, Pérsia, Egito) vivem em países onde há trabalhadores. Mas mesmo no que diz respeito aos países coloniais onde não há

trabalhadores, apenas donos de escravos e escravos, etc., a demanda por "autodeterminação", longe de ser absurda, é obrigatória para todos os marxistas. E se ele pensasse um pouco no assunto, Kieovsky provavelmente perceberia isso, e também que a "autodeterminação" é sempre avançada "para" duas nações: as oprimidas e as oprimidas." (29)

Agora vamos olhar para os fatos. É errado apresentar o mundo semicolonial no tempo de Lênin e Trotsky como um mundo sem proletariado. É verdade que havia regiões com quase nenhuma industrialização. É, naturalmente, também verdade que os países imperialistas foram muito mais avançados em seu desenvolvimento capitalista do que os países do Sul. Mas regiões importantes já tinham um certo grau de indústria e um proletariado doméstico. No Egito, a manufatura e a construção representaram 10,8% do PIB (1907), na Índia 14,6% (1886) e no Sri Lanka 14% (1881). (30) No início do século XX, o setor industrial contribuiu com 18% na Argentina para o produto interno. No México, a participação foi de 14%. (31) Nas décadas de 1920 e 1930, a produção industrial representou uma pequena, mas significativa parte da produção total na América Latina (ver Tabela 46).

Tabela 46 Evolução da Industrialização em países selecionados da América Latina, 1929-1957 (produção industrial como % do PIB) (32)

Table 46: Evolution of Industrialization in selected Latin American countries, 1929-1957 (industrial output as % of GDP) ⁴³³

	<i>Argentina</i>	<i>Mexico</i>	<i>Brazil</i>	<i>Chile</i>	<i>Colombia</i>
1929	22.8%	14.2%	11.7%	7.9%	6.2%
1937	25.6%	16.7%	13.1%	11.3%	7.5%
1947	31.1%	19.8%	17.3%	17.3%	11.5%
1957	32.4%	21.7%	23.1%	19.7%	16.2%

Esse nível de desenvolvimento industrial tinha certas semelhanças com o grau de desenvolvimento capitalista nos estados semicoloniais do Leste Europeu. Em 1930, o emprego industrial como parte do emprego total era de 17% (Polônia), 11% (Iugoslávia), 9% (Romênia) ou 8% (Bulgária). (33)

Embora vários centristas neguem ou minimizem o grau de desenvolvimento capitalista e a proletarianização e também a importância dos Estados semicoloniais nos tempos de Lênin e Trotsky, eles tendem a negar ou minimizar o caráter de classe de opressão e super-exploração dos países semicoloniais pelo imperialismo desde a Segunda Guerra Mundial. Assim, apresentam a relação entre os países imperialistas e semicolônias como uma de desigualdade, desenvolvimento diferente, até mesmo um que é influenciado pelo "neocolonialismo". Mas por isso, eles permanecem na superfície e não olham para as características mais profundas e essenciais dessa relação. Na verdade,

eles negam ou ignoram o *caráter sistemático da opressão e da super-exploração* que toma a forma de antagonismo de classe entre a burguesia imperialista de um lado e o proletariado e o semiproletário, as lutas das massas (dos camponeses pobres, dos pobres urbanos) do outro lado. Neste antagonismo de classe, a burguesia semicolonial é até certo ponto oprimida também, uma vez que é forçada a entregar uma parte do valor excedente produzido em seu país para a capital imperialista e é substancialmente limitada em suas decisões políticas independentes como um Estado pelos ditames das Grandes Potências e suas instituições internacionais como o FMI, Banco Mundial, OMC etc. É por isso que Trotsky falou sobre a burguesia colonial e semicolonial como uma "*classe semi-dominante e semi-oprimida*". Esta é a razão pela qual às vezes entra em um conflito temporário com poderes imperialistas. No entanto, é incapaz de tomar uma posição consistente contra o imperialismo. Muito pelo contrário! Uma posição consistente contra o imperialismo exigiria uma ruptura com o imperialismo. Mas sem o sistema capitalista mundial – que é e só pode existir de forma imperialista – a burguesia semicolonial perderia sua base econômica. Portanto, a burguesia semicolonial não tem escolha então a não ser se subordinar às potências imperialistas que – como dissemos – não excluem confrontos curtos e temporários entre os dois.

Centristas como Maziar Razi e Morad Shirin do TIMR iraniano ou os líderes das correntes *Tendência Socialista Internacional-TSI* (em inglês IST) e *Do Comitê Por uma Internacional dos Trabalhadores-CIT* (em inglês *Committee for a Workers' International-CWI*), no entanto, acreditam que tal antagonismo de classe entre os países imperialistas e semicoloniais não existe ou não possui uma importância central. Em vez disso, a burguesia semicolonial é reduzida a ser apenas um agente nativo do imperialismo ou um aproveitador da super-exploração imperialista. Damos alguns exemplos para mostrar essa remoção não dialética do antagonismo de classe entre os estados imperialistas e as semicolônias. Assim, o TIMR escreve:

"A independência política que remove o principal obstáculo ao desenvolvimento capitalista - a dominação colonial - sempre foi, portanto, o principal objetivo político da burguesia desses países. Uma vez que a burguesia estava no poder, no entanto, sua principal razão para ser contra o imperialismo desapareceu (embora em vários casos isso seja apenas independência formal). Assim, enquanto a 'burguesia nacional' se opunha à administração colonial, agora não se opõe fundamentalmente à dominação econômica do país pelo imperialismo."
(34)

Os conflitos entre o imperialista e a burguesia semicolonial – que são tão óbvios que os centristas não podem negar esses fatos – são reduzidos tão superficialmente "explicados" como brigas entre "*ladrões de todos os tamanhos*":

"Esta 'burguesia nacional', que em muitos aspectos é cliente da burguesia dos países imperialistas, no entanto, tem seus próprios interesses que podem entrar em conflito com os imperialistas. Mas enquanto houver super-lucros, então há o suficiente para ladrões de todos os tamanhos." (35)

Essa formulação "desleixada" retira a diferença de classe entre o imperialista e a burguesia semicolonial e, com isso, remove a diferença entre um conflito envolvendo um estado imperialista e um estado semicolonial e um conflito entre dois Estados imperialistas. Esta é a "vantagem" de tal

formulação revisionista de um conflito entre "*ladrões de todos os tamanhos*" que abre a porta para a traição da necessária defesa das semicolônias contra os verdadeiros chefes gângsteres – os poderes imperialistas.

De fato, o TIMR acredita que a posição contraditória da burguesia semicolonial – expressa na formulação de Trotsky sobre a "*classe semi-dominante, semi-oprimida*" – não tem validade hoje. Eles preferem afirmar que a burguesia semicolonial é uma classe dominante semelhante às classes dominantes imperialistas: "a partir do momento em que a "*burguesia nacional*' *chega ao poder, torna-se a classe dominante.*" (36)

Daí que a luta pela verdadeira independência do imperialismo é declarada uma "questão irrelevante":

"Quanto à 'luta de uma nação subdesenvolvida pela independência contra o imperialismo', isso é, historicamente falando, em grande parte irrelevante." (37)

Para ajudar essa traição, uma diferenciação errada entre a burguesia colonial e a burguesia semicolonial é introduzida. Enquanto a burguesia colonial era – segundo os camaradas do TIMR – "*fundamentalmente oposta à dominação econômica do país pelo imperialismo*", a burguesia semicolonial não é mais assim. Isso é, é claro, errado. Sim, há certas diferenças, mas fundamentalmente a burguesia colonial também não se opôs "*fundamentalmente à dominação econômica do país pelo imperialismo*". É por isso que não teve nenhuma luta consistente, mas buscou um acordo com os governantes coloniais. Isso já foi reconhecido pelo Comintern:

"É por isso que as classes dominantes entre os povos coloniais e semicoloniais são incapazes e não estão dispostas a liderar a luta contra o imperialismo na medida em que essa luta assume a forma de um movimento de massa revolucionário." (38)

A estreita ligação entre negar o caráter semicolonial dos países do Sul em um nível teórico e a traição do dever internacionalista de defender as semicolônias em uma guerra contra as forças imperialistas na prática torna-se óbvia no exemplo do CIT/CWI, cuja seção histórica e centro internacional sempre esteve na Grã-Bretanha.

O CWI e a Argentina "imperialista"

Pegando como exemplo a Argentina, em que o CWI não foi capaz de sair em defesa na guerra contra o imperialismo britânico na questão das Malvinas em 1982, esses centristas demonstram o quão rápido o descarte da teoria leninista do imperialismo leva à confusão teórica e na prática à deserção. Assim, em vez de afirmar claramente o caráter de classe (imperialista) da Grã-Bretanha e o caráter de classe (semicolonial) da Argentina, o CWI substitui as categorias marxistas por categorias confusas e "senso comum" (Deus nos salve do pragmatismo anglo-saxão!) e "caracterize" ambos os países como "*duas potências de segunda ou terceira divisão*":

"Vinte anos atrás, em 1982, a guerra do imperialismo britânico com a Argentina sobre as ilhas Malvinas/Malvinas explodiu como uma tempestade repentina. Esta pequena guerra entre dois poderes de segunda ou terceira divisão, cinicamente descrita como "dois homens carecas lutando por um pente", durou apenas dez semanas." (39)

Em outro documento, o líder central do CWI, Peter Taaffe, chegou a afirmar que a própria Argentina é um pouco "imperialista":

"Este foi o programa defendido por nós na época do conflito Malvinas/Malvinas. Este não foi um conflito clássico entre um poder imperialista e uma "colônia" na qual os marxistas foram chamados a apoiar "criticamente" este último. A Argentina era um poder capitalista relativamente desenvolvido. Não era um regime feudal ou semifeudal no qual a revolução burguesa-democrática precisava ser concluída (além de libertar a Argentina do vício econômico do imperialismo dos EUA e do mercado mundial, que é uma tarefa socialista). Foi ele próprio "imperialista" para outros países da América Latina – exportando capital e explorando-os – além de ser "explorado" pelas principais potências imperialistas. Além disso, tinha uma estrutura capitalista mais desenvolvida do que a Rússia antes de 1917, por exemplo. Este último, segundo Lênin e Trotsky, era tanto uma "semi-colônia" do imperialismo anglo-francês e, ao mesmo tempo, um opressor "imperialista" dos 57% da população do Império Czarista que não eram russos. Lênin e os bolcheviques nunca apoiaram a Rússia, uma "semi-colônia", nas guerras contra o Japão em 1905, por exemplo, ou o imperialismo alemão na Primeira Guerra Mundial." (40)

Quase nenhuma frase disso faz sentido. Primeiro refutamos brevemente a afirmação de que Lênin e Trotsky viam a Rússia como uma semicolônia. O CWI espera que seus leitores desconheçam que os bolcheviques claramente caracterizaram a Rússia sob o czar como um *Estado imperialista* – não como uma semicolônia. Sim, havia um *elemento* de uma relação semicolonial em relação ao capital financeiro francês, mas este era um aspecto *subordinado*. É por isso que os bolcheviques foram claros em sua caracterização da Rússia como imperialista. Em seu órgão teórico durante a Primeira Guerra Mundial, os bolcheviques reconheceram que *"o imperialismo russo difere do imperialismo europeu ocidental em muitos aspectos. Não é um imperialismo do último estágio do desenvolvimento capitalista. A Rússia é um país que importa capital, que é objeto de países exportadores de capital. O imperialismo russo é um imperialismo feudal e militarista. (...) Não há imperialismo mais bruto, mais bárbaro e sangrento do que o imperialismo russo."* (41)

Trotsky mais tarde enfatizou explicitamente a diferença entre uma burguesia semicolonial como a da China e a burguesia imperialista como a da Rússia antes de 1917:

"A burguesia russa era a burguesia de um estado imperialista opressor; a burguesia chinesa, uma burguesia de um país colonial oprimido." (42)

Foi a burocracia de Stalin que por algum tempo espalhou o absurdo de que a Rússia antes de 1917 era uma "semicolônia", mas mesmo eles tiveram que desistir dessa bobagem ridícula depois de algum tempo. O CWI, no entanto, deseja reviver o que para os marxistas não é nada além de um exemplo embaraçoso de strip-tease intelectual.

Difícilmente precisa de elaboração por que a Argentina nunca pode ser comparada com a Rússia imperialista, que no final do século XIX e início do século XX foi uma das maiores potências da Europa e do mundo.

Juntar a Grã-Bretanha e a Argentina como essencialmente ambas «*potências capitalistas de segunda ou terceira divisão*» serve como pretexto para a deserção do CWI na luta de classes, mas é um tapa na face da realidade. Vamos comparar brevemente a força econômica, política e militar desses dois "poderes de segunda ou terceira divisão": em 2003, quando o CWI escreveu tal absurdo, a Grã-Bretanha tinha 77 das maiores 1000 corporações do mundo. A Argentina tinha... Nenhum. (43) O PIB argentino por cabeça foi de 5.150 dólares - o equivalente a 1/8 da Grã-Bretanha. (44) A Grã-Bretanha é uma das cinco potências de veto nas Nações Unidas e possui um exército significativo com aproximadamente 225 armas nucleares e o quarto maior orçamento militar mundial. (45) A Argentina, por outro lado, não tem influência significativa na economia mundial e na política mundial. Portanto, vemos que há um abismo entre o poder econômico, político e militar da Grã-Bretanha e da Argentina. Qualquer falha em reconhecer isso é estupidez criminoso para justificar uma deserção pequeno-burguesa da luta de classes quando é mais urgentemente e necessária – no caso de uma guerra imperialista.

A próxima citação da liderança do CWI nos mostra outra forma de distorção da teoria marxista do imperialismo:

"No entanto, no período passado de ascensão econômica mundial, o capitalismo argentino desenvolveu uma base semi-industrializada própria. É ridículo retratar o capitalismo argentino como um capitalismo completamente dependente, "comprador", dominado pelos agentes do capital estrangeiro. Esta é a análise oferecida por algumas das seitas na tentativa de justificar seu apoio à Junta.

Algumas estatísticas cruciais revelam o absurdo dessa posição. Em 1979, a indústria representava 45% do PIB, contra 13% para a agricultura (e 42% para serviços). Os produtos manufaturados, é verdade, representam apenas 22,7% das exportações do país, contra 65,5% para alimentos e agricultura, refletindo assim a fraqueza da indústria argentina nos mercados mundiais. Mas a população urbana agora representa mais de 82% da população total. Vinte e nove por cento da população ativa trabalha na indústria, em comparação com apenas 14% na agricultura (57% trabalham no enorme setor de serviços). Em outras palavras, a Argentina, apesar de sua contínua subserviência neocolonialista aos grandes negócios americanos, da Europa Ocidental e dos japoneses, no entanto tem todas as características de uma economia capitalista semi-industrializada.

Se houvesse uma população argentina nas Ilhas, sujeita ao domínio britânico contra sua vontade, a situação seria diferente. Então pode haver um caso para a "libertação nacional" das Ilhas. Mas este não é o caso. Além de um ou dois argentinos casados com islandeses, não há argentinos nas Ilhas há 150 anos." (46)

O último parágrafo é, obviamente, uma forma particularmente vulgar de adaptação ao imperialismo britânico. Desde que o império colonial britânico conseguiu impedir a Argentina por mais de 150 anos de ter as ilhas em frente à sua costa sob seu controle e desde que a Grã-Bretanha conseguiu enviar alguns colonos para essas ilhas, a Argentina – de acordo com os chauvinistas sociais do CWI – perdeu seus direitos nacionais em um território que está em frente à sua costa, mas a mais de 12.700

quilômetros de distância da Grã-Bretanha. Isto não é nada além de uma justificativa para as conquistas de séculos de colonialismo ocidental!

No entanto, a citação representa um bom exemplo das confusões típicas. O CWI diz que "*é ridículo retratar o capitalismo argentino como um capitalismo completamente dependente, 'comprador', dominado pelos agentes do capital estrangeiro*". Trata-se de um exagero e confusão deliberados, já que ninguém afirma que é "completamente dependente". Esta é a natureza das semicolônias; caso contrário, seriam apenas colônias.

O Exemplo da Argentina

Também não faz sentido argumentar que a Argentina é uma "*economia capitalista semi-industrializada*". E daí? O mundo inteiro está se industrializando como resultado do desenvolvimento das forças produtivas. Mas isso não remove a *relação de super-exploração pelos monopólios imperialistas*. De fato, como mostramos acima quanto mais o mundo semicolonial industrializa, mais valor excedente é criado nesses países e mais lucros extras podem ser, e de fato são apropriados pelos monopólios imperialistas. A Argentina é um exemplo disso. Um terço do seu setor bancário é controlado por estrangeiros. Sua economia tem sido tradicionalmente dominada por corporações multinacionais dos países imperialistas. De acordo com um estudo recente, os monopólios imperialistas aumentaram seu controle nas últimas décadas para que, em 2003, sua participação na produção das 500 empresas líderes argentinas já fosse superior a 4/5:

"O número de afiliadas da Corporações Transnacionais-CTNs entre as 500 empresas líderes argentinas aumentou de 219 em 1993 para 318 em 2000, para 340 em 2003, principalmente através da aquisição de empresas nacionais públicas ou privadas. Sua participação na produção total aumentou de 60% em 1993, para 79% em 2000, para 82% em 2003. (...) Em 1963, as afiliadas da CTNs representavam 46% do valor total adicionado e 36% do emprego para as principais empresas industriais. Em 1997, os números equivalentes eram de 79 e 61%, respectivamente." (47)

Recentemente, a Argentina teve que colocar um limite de 20% na quantidade de terras disponíveis para proprietários de terras estrangeiras. Esta foi a reação ao fato de que nos últimos 10 anos corporações estrangeiras como a família Benetton, corporações chinesas, etc. triplicaram sua posse de 7 a 20 bilhões de hectares. (48)

Além disso, a Argentina tem sido saqueada pelas instituições financeiras imperialistas (incluindo bancos britânicos!) há décadas. O país uma proporção significativa de sua renda de exportação aos monopólios de dívidas e juros. Em 1977, eram 27,4%, em 1986 era 82,8% de sua renda anual de exportação (lembre-se que esta foi a época em que o CWI declarou que a Argentina não era uma semicolônia). Enquanto essa participação caiu para 25,1% em 1994, explodiu novamente para 74,7% em 1999. Recentemente, caiu para 16,7% (2010) de suas exportações de bens, serviços e renda. Isso

equivale a quase 4% de sua Receita Bruta Nacional total (em 2006 foi mesmo 10,4% de sua renda total anual). (49) E este não é todo o montante do roubo imperialista contra a Argentina, uma vez que estes são apenas os valores para os pagamentos da dívida e não as outras formas de transferência de valor para o Norte que explicamos nos capítulos acima.

Finalmente, lembremo-nos do desastre econômico que os monopólios imperialistas infligiram à Argentina em 2001 (e depois) que levou o país a um colapso econômico e social. Esta foi uma prova histórica da real posição da Argentina na ordem mundial.

Assim, vemos que, embora a Argentina não seja "*completamente dependente*" era e é dominada e super-explorada pelos monopólios imperialistas. É esse "pequeno detalhe" que é ignorado pelos centristas do CWI, um "pequeno detalhe" que, no entanto, expressa o caráter de classe diferente entre uma Argentina semicolonial e países imperialistas como a Grã-Bretanha.

A Argentina, é claro, não foi exceção na triste história do fracassado anti-imperialismo do CWI. O CWI – politicamente e ideologicamente ligada à burocracia trabalhista britânica e através delas adaptada ao imperialismo britânico – repetiu tal recusa à defesa de uma semicolônia sob ataque do imperialismo na guerra do Golfo de 1991 e 2003 e durante o ataque imperialista ao Afeganistão em 2001 e à ocupação seguinte. Mais uma vez, a liderança do CWI invocou sua distorção da teoria do imperialismo leninista e ficando no caminho errado, acabou com as banalidades vulgares dos "poderes" em vez da caracterização de classe na teoria e a retirada do anti-imperialismo revolucionário na prática. No caso das guerras imperialistas no Iraque, a liderança do CWI até flertou com a caracterização do Iraque como uma "potência imperialista regional":

"Se um país é imperialista depende de sua estrutura econômica e dos interesses específicos de sua classe dominante. Um país subdesenvolvido, no qual as poucas indústrias existentes são monopolizadas e fortemente entrelaçadas com os bancos, também é imperialista. (Desde que os capitalistas sejam pelo menos suficientemente fortes, que governem e não alguns grandes proprietários de terras). A burguesia de um país colonial como a Índia também está tentando sugar seus lucros de outros países se puderem. Suas tentativas de submeter o Sri Lanka mostraram isso. A anexação do Kuwait por Saddam Hussein também foi imperialista. No entanto, são apenas poderes imperialistas regionais." (50)

Não vamos nos alongar sobre essas novas percepções dos centristas do CWI sobre os "imperialistas coloniais". Não foi por acaso que eles não repetiram oficialmente por muito mais tempo tais absurdos sobre o Iraque "imperialista regional" em público. No entanto, eles mantiveram essa abordagem como o método subjacente para sua recusa em defender semicolônias em uma guerra imperialista. No caso da guerra imperialista contra o Afeganistão, os líderes do CWI dificilmente poderiam argumentar que esta era uma "potência imperialista regional" sem arriscar se tornar motivo de chacota da esquerda. Então inventaram o argumento de que os talibãs são reacionários e altamente impopulares entre a classe operária ocidental, então seria errado para eles estarem com o Talibã contra as tropas imperialistas (incluindo os britânicos). (51)

O SWP/IST e a Dependência da Dívida

Outro exemplo de ignorância centrada da teoria leninista do imperialismo é a confusão do Partido Socialista dos Trabalhadores-SWP/IST britânico sobre a crise da dívida. Seu líder central e professor universitário Alex Callinicos escreveu em uma apresentação sobre *"Marxismo e Imperialismo hoje"*:

"Seria um erro, no entanto, ver a crise da dívida como simplesmente marcando a imposição de uma nova forma de 'dependência' no Terceiro Mundo." (52) Ele continua:

"A crise da dívida, portanto, não envolve tanto um conflito entre estados-nação, países ricos e pobres, mas uma luta de classes na qual a burguesia latino-americana, cada vez mais integrada aos circuitos financeiros internacionais, se alinha com os bancos ocidentais e corporações multinacionais em soluções exigentes que abram ainda mais suas economias para o mercado mundial."

Esta é outra forma de confusão cínica do imperialista-centrismo. É claro que o saque financeiro do Sul através da armadilha da dívida é, de fato, uma forma de dependência. Como mostramos acima (veja no capítulo 8 nosso sub-capítulo *"Lucros extras via exportação de capital como capital monetário (empréstimos, reservas cambiais, especulação etc.)"*) os países semicoloniais pagaram entre 1980 e 2002 oito vezes o que deviam em 1980. Ao mesmo tempo, em 2002, seu montante de dívidas ainda existentes havia aumentado para US\$ 2.400 bilhões, mais de quatro vezes o montante de 1980. Trata-se de uma "nova forma de dependência" bastante óbvia que poderia ser compreendida mesmo com um simples "bom senso".

Esta forma de dependência certamente não é nova – bem, pode ser nova para o professor Callinicos, mas certamente não é tão nova para os países latino-americanos. Na década de 1920, por exemplo, a Argentina teve que pagar suas dívidas em média 20% dos lucros das exportações, proporção que disparou até 35% nos primeiros anos da Grande Depressão após 1929. (53)

O líder do IST refere-se à cumplicidade da burguesia latino-americana. Isso é, é claro, verdade – um ladrão pequeno geralmente tenta fazer acordos com o chefe gângster e ganhar a vida com isso. Mais uma vez certamente não é um fenômeno novo como mostra o papel do serviço da dívida na década de 1920. No entanto, para um marxista é necessário responder às seguintes perguntas: Qual classe está pagando o preço por isso? Quais são as possíveis contradições na relação entre o "ladrão pequeno" e o "chefe gangster"? Uma vez que o serviço da dívida é pago a partir do valor excedente produzido pela classe trabalhadora nos países endividados e semicoloniais, essa questão afeta diretamente o proletariado e as massas trabalhadoras. Afeta-os ainda mais, uma vez que a armadilha da dívida aumenta a exploração, ou seja, rouba da classe trabalhadora uma parcela ainda maior do valor que produziu e reduz sua participação salarial.

Além disso, seria estúpido ignorar as contradições na relação entre o "ladrãozinho" e o "chefe gangster". Sim, eles colaboram geralmente em seus negócios, no entanto, às vezes eles entram em conflito uns com os outros. Vimos isso na guerra das Malvinas em 1982, onde o SWP/IST britânico

usou sua rejeição da teoria leninista do imperialismo como pretexto para recusar apoio à luta da Argentina contra o imperialismo britânico. Vimos isso novamente recentemente, quando o governo Kirchner em Buenos Aires nacionalizou a gigante petrolífera espanhola Repsol e colocou um limite na quantidade de terras vendidas a investidores estrangeiros. A guerra imperialista contra o Iraque em 2003 e a iminente guerra contra o Irã são outros exemplos para isso.

Em suma, a indefinição das contradições de classe entre países imperialistas e semicoloniais, a indefinição de suas diferentes posições de classe em categorizações vulgares de "potências maiores e menores" etc. – tudo isso não leva apenas a um declínio na análise marxista científica, mas também a uma recusa prática de estar lado a lado com os países semicoloniais em sua resistência contra o imperialismo.

Ainda existe uma questão nacional dos países semicoloniais?

Tudo isso mostra a quanto absurda é a afirmação centrista de declarar "*a luta de uma nação subdesenvolvida pela independência contra o imperialismo*" como "*em grande parte irrelevante*". Da mesma forma, não faz sentido a declaração da CMR/TIMR: "*O 'interesse nacional' do Estado-nação é contra todos os direitos básicos das nacionalidades, assim como dos trabalhadores.*" (54)

Na verdade, o grupo iraniano TIMR é um modelo para mostrar as consequências absurdas desse "*economismo imperialista*", como Lênin costumava chamar de ignorância das questões nacionais e democráticas na época do imperialismo. O economismo ignora que o processo econômico de criação e exploração de valores está necessariamente entrelaçado com a superestrutura política e ideológica. O capitalismo é, afinal, uma unidade política e econômica de contradições de classe. Só pode existir como uma totalidade das relações de produção econômica e das superestruturas políticas, sociais e ideológicas. Essas diferentes esferas dependem umas das outras – com a base econômica como determinante final – e só podem existir em correlação. Ivan K. Luppol, um dos principais filósofos soviéticos na década de 1920, uma vez comentou que "*a realidade é a síntese da aparência e da essência*". (55) E, de fato, forma e essência estão indissociáveis mente relacionadas umas com as outras.

As mercadorias só podem ser trocadas em nível regular se houver regulamentação social e segurança jurídica. A força de trabalho precisa de reprodução – portanto, são necessárias várias formas sociais (família, possibilidade de relaxamento, creches etc.) A atividade econômica e social precisa da linguagem – daí a importância dos direitos linguísticos para as minorias nacionais. A desigualdade entre mulheres e homens tem consequências diretas para as possibilidades da mulher de uma existência independente do homem etc. A partir de todo esse fluxo a importância das questões políticas e sociais. O processo de exploração econômica é revestido, entrelaçado e deformado com várias formas de mecanismo de opressão estatal e social. Não é por acaso que Marx falou sobre economia política. Trotsky uma vez comentou com razão: "*Assim, economia pura é uma ficção.*" (56)

É nesse contexto que devem ser vistas questões nacionais. Sim, questões como a soberania nacional plena são questões democráticas que afetam não só os trabalhadores, mas também afetam os trabalhadores. Além disso, a classe trabalhadora tem interesse em reunir as massas laboriosas, incluindo seções da pequena burguesia, por trás dela. Mas os camaradas CMR/IRMT não têm qualquer compreensão disso. Pior, eles até consideram a defesa da soberania nacional como "*totalmente reacionária*":

"Portanto, quando um país está ameaçado de alguma forma, a esquerda internacional não deve procurar defender a soberania nacional ou a integridade territorial desses países. Os trabalhadores e outras classes exploradas e oprimidas nesses países têm interesses materiais que se opõem aos da própria burguesia e, portanto, não têm um "interesse nacional" comum com ele. (...)

A burguesia do país pode esperar tal apoio, mas os trabalhadores devem saber que a natureza de tal desacordo com o imperialismo é totalmente reacionária e que se realmente leva à guerra, então a melhor maneira de combater o imperialismo é as massas exploradas e oprimidas, lideradas pelas camadas mais avançadas da classe trabalhadora, organizar a resistência militar aos invasores e mobilizar-se para derrubar o regime. (...)

Devido ao seu ato de equilíbrio entre as massas e seus laços com o imperialismo, por um lado, e seus próprios interesses nacionais (e regionais) como um parceiro burguês menor do imperialismo, por outro, a burguesia indígena pode, em certas situações, adotar não apenas a retórica "anti-imperialista", mas provocar incidentes diplomáticos e até mesmo iniciar alguma ação militar em pequena escala. Qualquer que seja a manifestação externa desses conflitos de interesse, a burguesia indígena permanece fundamentalmente regressiva e reacionária. Não há conteúdo progressista para essas discordâncias com o imperialismo. Não só a burguesia não está disposta a se envolver em uma verdadeira luta anti-imperialista - ou seja, uma que também é anticapitalista e para o socialismo - mas, como classe dominante, quer manter o status quo. Os interesses dos trabalhadores nesses países são os mesmos dos trabalhadores dos países capitalistas imperialistas ou avançados." (57)

Da mesma forma, o líder histórico do IST, falecido Tony Cliff, traiu seu "*economismo imperialista*" quando afirmou que a "*identidade nacional das futuras classes dominantes*" nos países oprimidos não deveria ser uma questão "*a ser discutida*":

"Para os socialistas revolucionários nos países avançados, a mudança de estratégia significa que, embora eles tenham que continuar a se opor a qualquer opressão nacional do povo colonial incondicionalmente, eles devem deixar de discutir sobre a identidade nacional das futuras classes dominantes da Ásia, África e América Latina, e, em vez disso, investigar os conflitos de classe e as futuras estruturas sociais desses continentes. O slogan da "classe contra a classe" se tornará cada vez mais uma realidade. O tema central da teoria de Trotsky permanece tão válido como sempre: o proletariado deve continuar sua luta revolucionária até triunfar em todo o mundo. A não ser esse objetivo, não consegue alcançar a liberdade." (58)

A mesma lógica centrista foi argumentada no início da década de 1970 por outro teórico líder do IST, o professor da Universidade Nigel Harris: "*Um subproduto da expansão econômica foi o aumento da dominação econômica dos países atrasados. Mas o aumento da dominação econômica não significa necessariamente um aumento da dependência. É verdade que o imperialismo produz guerras, mas não tanto*

entre os países avançados e os retrógrados como entre os países avançados. E isso é verdade mesmo quando os países atrasados são as cenas da guerra." (59)

Esta é, sem dúvida, uma declaração divertida do Professor Harris! "O aumento da dominação econômica não significa necessariamente um aumento da dependência." Como mostramos acima com inúmeros fatos, isso significa isso e não por acaso, mas necessariamente. "É verdade que o imperialismo produz guerras, mas não tanto entre os países avançados e retrógrados como entre os países avançados." Mais uma vez, pergunta-se sobre tal afirmação que está em flagrante contradição com a realidade. Está em flagrante contradição não só no mundo após o 11 de setembro, mas já era bizarro na época em que foi escrito, em 1971. Naquela época, a guerra dos imperialismos dos EUA no Vietnã estava em um ponto alto! Qual é o significado da afirmação: "E isso é verdade mesmo quando os países atrasados são as cenas da guerra"? Isso significa que, se houver guerras em países semicoloniais, elas são – de acordo com os teóricos do IST – principalmente guerras por procuração dos EUA e do "imperialismo soviético". Essa bobagem não só nega o aspecto da libertação nacional das lutas dos povos oprimidos contra as potências imperialistas. (Vamos também salientar brevemente que a diferença de classe entre países imperialistas e semicoloniais também é negligenciada na terminologia liberal de países "avançados" e "atrasados". A negação do caráter estatal dos trabalhadores da URSS e da China e sua denúncia como "super-potências" imperialistas também foi uma desculpa conveniente para a tradição Cliff/IST trair lutas progressistas – como fizeram, por exemplo, quando tomaram uma posição neutra na Guerra da Coreia contra o imperialismo dos EUA em 1950-53.

Ao contrário do IST, a Internacional Comunista defendeu a visão de que ainda há uma questão nacional no mundo semicolonial. A Internacional Comunista explicou corretamente em sua principal resolução sobre os povos oprimidos em seu Quarto Congresso em 1922, que para os países semicoloniais a opressão e a exploração imperialistas continua "sob o manto da independência formal":

"O perigo de um acordo entre o nacionalismo burguês e um ou vários poderes imperialistas rivais é muito maior nos países semicoloniais como a China ou a Pérsia, ou nos países que lutam por sua independência explorando rivalidades inter-imperialistas, como a Turquia, do que nas colônias. Cada acordo significa uma divisão totalmente desigual do poder entre as classes dominantes nativas e o imperialismo, e, sob o manto da independência formal, deixa o país em sua antiga posição como um Estado tampão semicolonial a serviço do imperialismo mundial." (60)

Não, enfraquecer o controle imperialista da terra e da renda nacional não é uma questão irrelevante ou mesmo contra o interesse dos trabalhadores. O imperialismo torna os trabalhadores e as massas trabalhadoras mais pobres. É simples assim. Ainda existe uma "questão nacional" no mundo semicolonial, apesar de sua independência formal. As massas instintivamente sabem disso. É por isso que as massas trabalhadoras nas semicolônias geralmente apoiam fortemente tal movimento como podemos ver no caso da nacionalização da Repsol na Argentina. É por isso que as massas apoiaram e apoiam a resistência armada contra os ocupantes imperialistas, como todos puderam ver no Iraque e no Afeganistão no passado recente. Deve-se ser realmente um renitente sectário se condenar essas ações como retrocesso ou até reacionário!

A nova Teoria do Sub-Imperialismo

Para desfocar as contradições de classe entre o imperialista e os centristas do mundo semicolonial como o SWP/IST, TIMR ou Marxista Tutum introduz uma nova categoria – "sub-imperialismo". Alex Callinicos explicou a compreensão do SWP/IST deste conceito da seguinte forma:

"Um fator-chave no desenvolvimento de uma ordem mundial mais pluralista e, portanto, mais instável tem sido a ascensão nas últimas duas décadas dos sub-imperialismos que são, das potências do Terceiro Mundo aspirando ao tipo de dominação política e militar em uma escala regional que as superpotências desfrutaram globalmente. (...) Claramente, a natureza dos sub-imperialismos é uma questão crucial em qualquer tentativa de entender o imperialismo contemporâneo. Por trás do fenômeno dos sub-imperialismos está a industrialização parcial do Terceiro Mundo e o conseqüente surgimento de novos centros de acumulação de capital fora do núcleo imperialista." (61)

Callinicos também faz uma lista de países que ele considera como "sub imperialista". Inclui "Israel, Irã, Iraque, Egito, Síria e Turquia (...) Índia, Vietnã, África do Sul, Nigéria, Brasil e Argentina".(62)

Portanto, a guerra do Golfo entre o Iraque e o Irã em 1980-88 foi uma guerra entre duas potências sub-imperialistas:

"A guerra tornou-se uma guerra de atrito entre duas potências capitalistas de médio porte, dois sub-imperialismos." (63)

Da mesma forma, a liderança britânica da SWP/IST justificou sua recusa em defender a Argentina contra a Grã-Bretanha na guerra das Malvinas em 1982, referindo-se ao suposto caráter "sub-imperialista" da Argentina. Assim, para esses centristas, a guerra entre a Grã-Bretanha e a Argentina sobre as Malvinas em 1982 foi reacionária de ambos os lados. No mesmo artigo Callinicos cita com aprovação dois autores argentinos que afirmam:

"Não foi nem uma luta anticolonial nem uma luta entre nações oprimidas e opressoras. Os partidos em disputa eram um país capitalista emergente com características imperialistas regionais e continentais, e um poder imperialista de longa data que, embora em declínio acentuado, ainda é uma força poderosa. Não havia um campo progressista e reacionário." (64)

Callinicos comenta sobre isso:

"Generalizando a partir desta análise amplamente correta da Guerra das Malvinas poderíamos então argumentar que o mesmo processo de desenvolvimento capitalista que deu origem ao imperialismo em primeiro lugar agora produz sub-imperialismo. (...) Inevitável a expansão do capitalismo industrial sai da fronteira nacional, dando origem a conflitos regionais entre sub-imperialismos rivais – entre Grécia e Turquia, Índia e Paquistão, Irã e Iraque – e muitas vezes, na ausência de tais rivalidades, ao crescente domínio regional de um

sub-imperialismo particular (África do Sul na região austral da África, Austrália no Pacífico Sul). Embora esta análise tenha uma grande medida de verdade, é essencial qualificá-la. Pois a ascensão do sub-imperialismo não ocorreu no vácuo. Também não criou um mundo composto por estados capitalistas as diferenças entre cujos poderes são de grau e não de tipo. " (65)

Então, quando vemos massas no Sul indo para as ruas protestando contra a dominação imperialista, o SWP/IST não tem outra explicação a não ser se referir à psicologia do povo, suas memórias do passado:

"Memórias de tal subordinação humilhante aos poderes imperialistas sobreviveram muito tempo após a aquisição por esses estados de um grau de independência muito mais eficaz. Eles ajudam a explicar por que a retórica anti-imperialista continua a ter um enorme apelo popular em países que não podem mais em nenhum sentido ser considerados semicolônias." (66)

Focaremos aqui não em toda a teoria revisionista do imperialismo do SWP/IST, mas apenas no seu conceito de "sub-imperialismo". (67) Essencialmente, a análise SWP/IST do "sub-imperialismo" é uma categoria puramente superficial e descritiva. Vamos começar com essa afirmação: *"Inevitável a expansão do capitalismo industrial sai da fronteira nacional, dando origem a conflitos regionais entre sub-imperialismos rivais"* O que isso significa? Uma vez que o capitalismo industrial se expande sempre e em todos os lugares – isso está na natureza do capitalismo – isso significa que cada vez mais países se tornam "sub-imperialistas"?! Assim, a época do imperialismo não é uma época onde uma pequena minoria de Estados oprime e explora o mundo, mas muito pelo contrário, consiste em países se alinhando cada vez mais?! Então, na época do imperialismo, a exploração e a distância entre os Estados não aumentam, mas – pelo contrário – diminuem?!

Claro que isso não é verdade. A época do imperialismo é um período de exploração crescente e aumento de contradições. É por isso que a desigualdade entre o mundo imperialista e o mundo semicolonial aumentou e não diminuiu. O historiador econômico Angus Maddison mostrou que a desigualdade aumentava constantemente na época do imperialismo. Seus cálculos demonstram a enorme e crescente distância entre as regiões imperialistas e semicoloniais. (Ver Tabela 47) A diferença entre o continente mais rico e o mais pobre cresceu de 5:1 em 1870 para 9:1 em 1913, para 15:1 em 1950, 13:1 em 1973 e 19:1 em 1998. (68) Desde então, a globalização garantiu que essa lacuna cresceu ainda mais.

Tabela 47: Nível de PIB per capita e spreads inter-regionais, 1870-1998 (em 1990 dólares internacionais) (69)

Europa Ocidental/Estados Unidos/Canadá/Austrália e Nova Zelândia/Japão/Ásia (excluído o Japão)/Europa Oriental & ex-URSS/África/Mundo

Interregional Spread=Spread interregional

Table 47: Level of Per Capita GDP and Interregional Spreads, 1870-1998 (in 1990 international dollars) ⁴⁶⁹

	1870	1913	1950	1973	1998
Western Europe USA, Canada, Australia & New Zealand	1.974	3.473	4.594	11.534	17.921
Japan	2.431	5.257	9.288	16.172	26.146
Asia (excl. Japan)	737	1.387	1.926	11.439	20.413
Eastern Europe & ex-USSR	543	640	635	1.231	2.936
Africa	917	1.501	2.601	5.729	4.354
World	444	585	852	1.365	1.368
World	867	1.510	2.114	4.104	5.709
Interregional Spread	5:1	9:1	15:1	13:1	19:1

Isso nos leva ao problema fundamental no conceito de "sub-imperialismo" do SWP/IST: é um conceito que é o principal critério é *a vontade de uma determinada classe dominante para aumentar seu domínio regional*. Isso se torna óbvio também a partir dos exemplos que Callinicos dá para seus países "sub-imperialistas": Israel, Irã, Iraque, Egito, Síria, Turquia, Grécia, Índia, Paquistão, Vietnã, África do Sul, Nigéria, Brasil e Argentina. O que eles têm em comum é que eles estiveram envolvidos em guerras com países vizinhos. Esses países não têm nada em comum em termos de desenvolvimento de grandes grupos de capitais, uma relação exploratória com outros países como uma forma dominante de suas relações econômicas externas, ou mesmo uma dominância regional real.

Vamos agora para uma tentativa um pouco mais séria de defender o conceito de "sub-imperialismo". O grupo turco *Marxista Tutum*, que está intimamente alinhado com o TIMR/CMR, publicou em 2009 um documento "*Sobre o Sub-imperialismo: Turquia Potência Regional*" no qual seu principal teórico Elif Çağlı explicou e defendeu sua posição. Citemos a passagem principal:

"O conceito sub-imperialismo define uma posição inferior aos países imperialistas que ocupam os degraus mais altos da pirâmide imperialista da hierarquia. Embora um país sub-imperialista ainda não seja tão poderoso economicamente quanto os países no andar de cima e não tão influente quanto eles na determinação da agenda mundial, ele conduz relações diretamente expansionistas em sua própria região na companhia de grandes potências imperialistas. É por isso que os países que atingem esse nível subindo entre os países desenvolvidos de nível médio são qualificados como sub-imperialistas. (...)

É muito importante compreender as leis de funcionamento do capitalismo, características do sistema e que o imperialismo é uma etapa diferente do colonialismo, a fim de analisar a situação de países como a Turquia de forma correta e satisfatória. Para repetir, o imperialista-capitalismo produz interdependência com base na desigualdade. Portanto, os problemas emergindo de posições desiguais e a possibilidade de poderosos intervirem em menos poderosos econômica e politicamente não desaparecem. No entanto, os estados-nação capitalistas em geral e sub-imperialistas, em particular, têm também suas próprias esferas de operação econômica e política em

seus próprios direitos. Portanto, caracterizar esses países ainda como semicolônia (ou colônia neo-colônial/colônia moderna etc.) seria um grande erro ou falsificação. (...)

Deixando de lado as falsificações e focando no fato da questão, as realidades domésticas e internacionais há muito invalidam os argumentos da esquerda nacionalista. Mas a insensatez pequeno-burguesa é uma doença crônica e aqueles que sofrem dessa doença sempre se mostram incapazes de se recuperar e aceitar a realidade. Uma das questões importantes a serem sublinhadas neste contexto é que os pequeno-burgueses tomam relações desiguais entre diferentes países capitalistas como uma espécie de relações de exploração e ficam obcecados com isso. No entanto, dentro da hierarquia imperialista-capitalista, as relações entre "altos e baixos" ou "os fracos e fortes" não refletem uma relação de exploração, mas de desigualdade e hegemonia.

Países capitalistas ou potências capitalistas de diferentes níveis de desenvolvimento não exploram uns aos outros. Eles exploram completamente a classe trabalhadora. Mas eles compartilham o valor excedente de acordo com o poder e o tamanho de seus investimentos ou capital. Portanto, retratar a relação entre diferentes estados capitalistas com diferentes tamanhos e poder como uma relação de exploração em que os grandes exploram os fracos, e concluir uma concepção artificial do anti-imperialismo é incompatível com a perspectiva revolucionária da classe trabalhadora.

Em conclusão, o "anti-imperialismo" da esquerda pequeno-burguesa é um anti-imperialismo que não tem uma atitude radical contra o capitalismo interno, portanto, sem um conteúdo anticapitalista e é reduzido apenas a um fator estrangeiro! Por parte do anti-imperialismo pequeno-burguês consiste em tomar uma atitude contra as "políticas" colonialistas e de anexações. No entanto, não pode haver uma luta anti-imperialista sem o anticapitalismo. E uma concepção de luta contra o capitalismo arrancada do eixo de classe revolucionária estaria se rendendo a pequenos burgueses e nacionalistas quadros de esquerda.

Como evidenciado concretamente pela Turquia, os países sub-imperialistas geralmente se movem junto com uma grande potência imperialista em lutas imperialistas em curso para a re-divisão em várias regiões do mundo. Como regra geral, grande parte vai para o grande parceiro, mas não deve ser esquecido que os menores também recebem sua parte. Assim, a relação entre países imperialistas e países sub-imperialistas é uma relação de parceria na exploração. Uma expressão concreta disso são as instituições de cooperação econômica ou parcerias estratégicas que reúnem países capitalistas avançados e de médio nível sob o mesmo teto. É óbvio que essa situação não tem nada a ver com a "relação de dependência" na era colonial e "a burguesia colaboracionista".
(70)

Os camaradas do *Marxista Tutum* erram em sua concepção. Os camaradas dizem que "países capitalistas ou poderes capitalistas de diferentes níveis de desenvolvimento não exploram uns aos outros". É verdade que existem países imperialistas maiores e menores que são desiguais, mas um não explora o outro. Por exemplo, os EUA e o Canadá certamente não são iguais, mas também não exploram sistematicamente uns aos outros. O mesmo vale para a Alemanha e Áustria ou França e Bélgica, Luxemburgo ou Suíça. No entanto, são todas nações imperialistas. Por que? Porque eles desenvolveram um capital monopolista significativo e capital financeiro que sistematicamente explora e transfere valor vindo do Sul e eles fazem parte de uma ordem imperialista internacional da qual eles lucram e se defendem por vários meios.

Os chamados países "sub-imperialistas", por outro lado, não estão nessa posição. Claro que algumas semicolônias avançadas têm uma certa influência regional, algumas são mais fortes e outras são mais fracas. Mas, como marxistas, devemos focar na lei do valor e na transferência de valor entre os países e a ordem política relacionada a isso. E aqui é óbvio que também as semicolônias industrializadas são super-exploradas pelos monopólios imperialistas.

O Exemplo da Turquia

Isso também é verdade para a Turquia. Os camaradas dizem que os países sub-imperialistas "*também têm suas próprias esferas de operação econômica e política em seus próprios direitos*". Sim, mas é preciso ver as proporções. Na Tabela 48 mostramos que até 2011 o Investimento Estrangeiro Direto proveniente dos monopólios imperialistas era 6 vezes maior do que o Investimento Estrangeiro Direto-IED exterior vindo da Turquia. E este número não nos diz o quanto esse IED exterior decorre direta ou indiretamente de corporações multinacionais que operam na Turquia. Portanto, é evidente que há uma enorme lacuna entre a exportação e a exploração de capital pelos Estados imperialistas em relação à Turquia e o mesmo da Turquia em relação a outros países. Esta é uma lacuna que não é apenas de natureza quantitativa, mas de natureza qualitativa.

Tabela 48: Ações do IED da Turquia, por Região e Economia, 1990-2011 (em Milhões de Dólares)
(71)

FDI= Investimento Estrangeiro Direto/

inward stock= índice interno / outward stock= índice externo

Table 48: Turkey's FDI Stock, by Region and Economy, 1990-2011 (in Million US-Dollars) ⁴⁷¹

<i>FDI inward stock</i>			<i>FDI outward stock</i>		
<i>1990</i>	<i>2000</i>	<i>2011</i>	<i>1990</i>	<i>2000</i>	<i>2011</i>
11.150	19.209	140.305	1.150	3.668	24.034

Assim, vemos que o investimento estrangeiro da Própria Turquia é uma característica subordinada à super-exploração sistemática que eles sofrem do capital do monopolista imperialista. É uma responsabilidade básica para os marxistas não reduzir uma análise a um "por um lado – por outro lado", mas a uma avaliação dialética da essência da matéria. Deve-se focar na diferença entre quantidade e qualidade, na avaliação quando um processo entra em uma etapa qualitativamente nova, etc. O filósofo soviético Abraham Deborin uma vez comentou: "*Para entender o caráter de uma*

época e suas guerras e todos os processos possíveis, é preciso identificar a 'verdadeira essência' da época, suas forças motrizes mais fundamentais, que determinam todas as outras aparências. É preciso interligá-los a um total unificado, independentemente das várias formas da aparência exterior." (72) Infelizmente, os camaradas do *Marxista Tutum* falham nisso.

Mas vejamos também mais evidências: Como no caso da Argentina, a Turquia também foi saqueada pelo capital financeiro imperialista por décadas. Também paga uma proporção significativa de sua renda de exportação para dívidas e interesses aos monopólios. Em 1974, tal soma era de 12,4% de sua receita anual de exportação; em 1988 era 41,9%. Na década de 1990, essa participação caiu, mas subiu novamente para 48,5% em 2002. Após outra queda, subiu novamente para 41,9% em 2009. Em outras palavras, a Turquia dá quase metade de sua renda total de exportação para as instituições financeiras estrangeiras! Se colocarmos esse valor em relação à renda nacional podemos ver o seguinte: Em 1970, o pagamento da dívida foi o equivalente a 1,2% de sua Receita Bruta Total, em 1988 8,5%, em 2002 até 12,2% e em 2009 ainda 10,7% de sua receita total anual. Então, no total, os tubarões financeiros imperialistas se apropriam de um décimo da renda nacional anual total da Turquia! (73)

Nos últimos dois anos, o endividamento da Turquia piorou ainda mais. Seu déficit em conta corrente está em 8% a 10% do PIB, quase o mesmo nível que a Grécia antes de seu colapso financeiro. A dívida de curto prazo dobrou desde 2010 para cobrir o déficit (Ver Figura 54). (74)

Figura 54: A crescente dependência da Turquia com a dívida externa de curto prazo (em milhões de dólares) (75)

Figure 54: Turkey's Rising Dependence on Short-Term Foreign Debt (in Million US-Dollar) ⁴⁷²



Aqui também temos que lembrar aos nossos leitores que este não é todo o montante do roubo imperialista da Turquia, uma vez que estes são apenas os valores para os pagamentos da dívida e não das outras formas de transferência de valor para o Norte que explicamos nos capítulos acima.

Referimos nossos leitores também à Figura 43, que mostra que a Turquia e a Argentina não são exceções: em geral, os chamados "países de renda média alta" pagaram cerca de 40% de sua renda total de exportação para pagar suas dívidas com os monopólios imperialistas nos anos de 2005 e 2010.

Além disso, vimos particularmente no passado um enorme aumento da exportação de capital imperialista para a economia turca. No início dos anos 2000, 114 das 500 maiores empresas manufatureira eram controladas no exterior e quase 15% da produção industrial total foi produzida por empresas com determinadas quantidades de capital estrangeiro. (76) O aumento da propriedade estrangeira tem sido particularmente forte no setor financeiro. Após o colapso econômico em 2000-2001 que fortaleceu a subordinação imperialista da Turquia semicolonial, a participação dos bancos estrangeiros (em termos de ativos totais no setor bancário) aumentou drasticamente de cerca de 3% para 33% em 2006 e 40% em 2010. (77) Empréstimos em moeda estrangeira já representam mais de um terço do estoque total de empréstimos. (78)

Por fim, vamos lembrar que a Turquia também enfrentou um desastre econômico que os monopólios imperialistas infligiram a ela em 2000-2001 e depois. Aqui também o país foi levado a um colapso econômico e social e à falência. Foi forçado a subordinar-se sob o típico programa imperialista do FMI e sob controle de 1998 a 2008, o que o colocou em pequenos racionamentos. (79) Novamente, esta também é uma prova histórica da real posição da Turquia na ordem mundial.

"Sub-Imperialismo" ou Semicolônias avançadas?

Assim, quando os camaradas dizem que "*o capitalismo-imperialista produz interdependência com base na desigualdade*" eles estão, naturalmente, corretos. Mas eles não conseguem pensar sobre isso de uma forma dialética. A desigualdade que existe por um longo período transforma-se – em combinação com o crescimento das forças produtivas e a inevitável internacionalização econômica – em exploração. Com base nisso, não pode haver nações extremas e desiguais umas com as outras sem transformar e intensificar sua relação entre si. Isso leva inevitavelmente a uma relação de exploração. É por isso que com a internacionalização do capitalismo, emergiram inevitáveis nações opressoras e nações oprimidas, uma explorava a outra, uma se tornava imperialista e a outra colonial ou semicolonial. Dito de outra forma: *a relação entre o imperialista e a nação semicolonial é desigual a tal ponto que essa desigualdade surge de uma relação sistemática de exploração e resulta em uma transferência sustentada de valores da nação semicolonial para a nação imperialista.*

Como mostramos acima, é claro que há muitas diferenças entre vários tipos de semicolônias. Quando Trotsky apontou as enormes diferenças entre a África Equatorial e a Argélia, o Paraguai e o México, a

Abissínia e a Índia ou a China, isso não é menos verdade hoje. Há enormes diferenças hoje entre Peru e Argentina ou Brasil, Congo e Egito, Paquistão e Turquia, Nepal e Tailândia. Mas o que Trotsky chamou de característica decisiva que todos eles compartilham é sua "*dependência econômica comum da metrópole imperialista*".

Em vez de introduzir uma fórmula errônea e politicamente revisionista de "sub-imperialismo", preferimos expressar as diferenças que existem entre os países do Sul de outra forma. É muito melhor diferenciar entre semicolônias avançadas ou industrializadas como, por exemplo, Argentina, Brasil, Egito, Turquia, Irã ou Tailândia, por um lado, e semi-colônias mais pobres ou semi-industrializadas como Bolívia, Peru, os países africanos subsaarianos (exceto África do Sul), Paquistão, Afeganistão, Indonésia etc.

Rejeição do Conceito de Aristocracia Do Trabalho

Um dos pilares sociais mais importantes do capital monopolista nos países imperialistas é a aristocracia trabalhista como a principal base social para o reformismo e a burocracia trabalhista. Como mostramos acima Lênin, Trotsky e a Internacional Comunista foram da opinião de que a base econômica da aristocracia trabalhista é a *super-exploração* dessas nações oprimidas pelos monopólios imperialistas e pelos *lucros extras* que o capital monopolista pode adquirir a partir dessa exploração. A partir desses *lucros extras*, os monopólios são capazes de subordinar os setores superiores e aristocráticos da classe trabalhadora e, em particular, a burocracia trabalhista nos países imperialistas.

Essa visão é, no entanto, ignorada ou abertamente rejeitada por muitos centristas. A corrente SWP/IST rejeita abertamente o conceito de Lênin. Eles argumentam que não há camada da classe trabalhadora no Ocidente que lucre com a super-exploração das semicolônias. Pelo menos eles são consistentes nisso, uma vez que para o SWP/IST também existem quase nenhuma super-exploração nem quaisquer semicolônias. Mas a consistência não faz um argumento, mas produz apenas uma teoria que está errada e fora de contato com a realidade em todos os relatos. Já no final de 1950 Tony Cliff, o falecido líder do precursor do SWP, argumentou que a teoria da aristocracia trabalhista era irrelevante. (80) Aqui está como Chris Harman coloca seu caso:

"Tais fluxos de investimento são uma indicação de onde os capitalistas pensam que os lucros devem ser feitos, e sugerem que é esmagadoramente dentro dos países avançados, e um punhado de países e regiões 'recém-industrializantes' (dos quais a China é agora a mais importante). Isso significa que, seja qual for o caso há um século, não faz sentido ver os países avançados como "parasitas", vivendo do antigo mundo colonial. Também não faz sentido ver os trabalhadores no Ocidente ganhando com a "super-exploração" no Terceiro Mundo. Aqueles que dirigem o sistema não perdem qualquer oportunidade de explorar trabalhadores em qualquer lugar, por mais pobres que sejam. Mas os centros de exploração, como indicado pelos números do Investimento Estrangeiro Direto-IED, são onde a indústria já existe." (81)

O SWP nega a existência de uma aristocracia trabalhista: "*Na verdade, nem a exportação de capital nem os "super-profissões", do imperialismo, desempenham o papel que um dia tiveram... É discutível que não houve capital líquido (para o Terceiro Mundo) por longos períodos no passado recente.... A exportação de capital desempenha um papel vital no capitalismo moderno, mas é esmagadoramente exportada de um país desenvolvido para outro. Seu significado econômico é totalmente diferente... Não pode explicar a "corrupção", de "aristocracias trabalhistas",... pelas migalhas de super-profissões.* (82)

Claro que, na realidade, a aristocracia trabalhista não é irrelevante. Isso tem sido sublinhado várias vezes nas últimas décadas. Uma indicação disso é a crescente desigualdade salarial dentro da classe trabalhadora. Os estratos superiores recebem uma parcela cada vez maior da soma salarial total, enquanto a parcela da massa do proletariado – os trabalhadores de baixa qualificação – aumentou enormemente. É claro que as seguintes estatísticas devem ser qualificadas no sentido de que nem todos os assalariados pertencem à classe trabalhadora. Uma minoria – e essa minoria é fortemente representada nos estratos superiores dos assalariados – faz parte de quem ganha salários mais vantajosos típicos da classe média. No entanto, se alguém fica entre os 10 ou 20% mais ricos, pode-se presumir que eles são compostos principalmente pela classe média assalariada e pela aristocracia trabalhista. Esperamos lidar com essa importante questão da aristocracia trabalhista – uma questão que é ignorada pela maioria da esquerda centrista – no futuro.

Na Tabela 49 podemos ver que a proporção dos salários dos 10% mais ricos tem sido em relação aos salários dos 10% mais baixos nas últimas quatro décadas em vários países da OCDE. Podemos ver que em todos os países, exceto na França, a proporção aumentou em favor dos estratos superiores. Assim, em 2008, os 10% salários mais altos ficaram entre 2,5 e 5 vezes mais do que os 10% mais baixos. Outra estatística da OCDE confirma que em 16 dos 19 países da OCDE "*os ganhos dos 10% mais bem pagos aumentaram em relação aos dos 10% trabalhadores menos remunerados desde meados da década de 1990*". (83)

Tabela 49: Desigualdade salarial: Relação de renda entre os 10% mais ricos e os 10% mais baixos dos assalariados nos países da OCDE, 1970-2008 (84)

Austrália/Dinamarca/Finlândia/França/Alemanha/Japão/Holanda/Nova Zelândia/Coreia do Sul/Suécia/ Reino Unido/Estados Unidos

Table 49: Wage Inequality: Ratio of Income between the Top 10% and the Bottom 10% of Wage Earners in OECD Countries, 1970-2008 ⁴⁸⁴

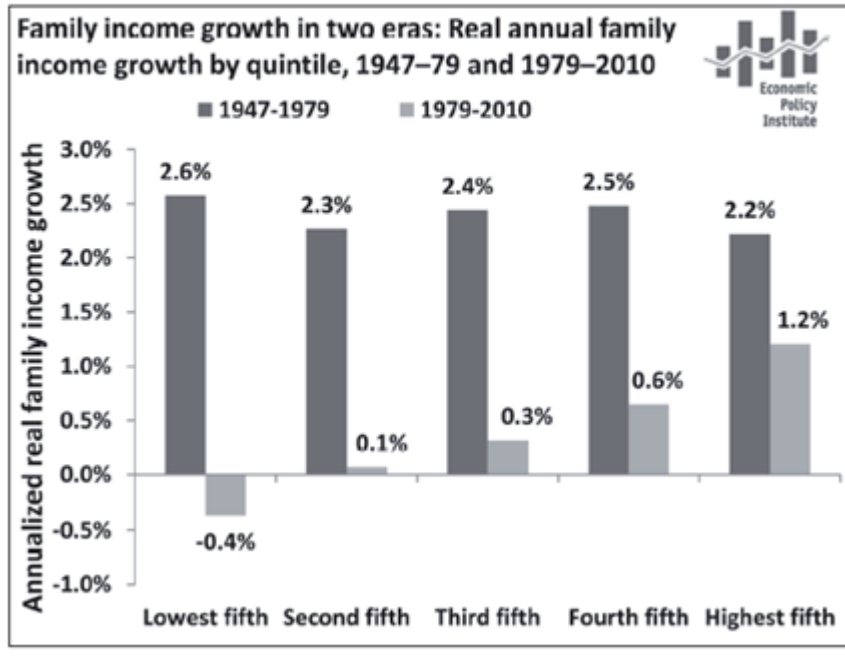
<i>Country</i>	<i>1970</i>	<i>1980</i>	<i>1990</i>	<i>2000</i>	<i>2008</i>
Australia	2.4	2.7	2.7	3.1	3.5
Denmark	-	2.1	2.2	2.5	2.7
Finland	-	2.5	2.5	2.4	2.6
France	3.7	3.3	3.3	3.0	2.9
Germany	-	2.5	2.5	2.8	2.9
Japan	2.6	2.6	2.8	2.8	2.9
Netherlands	-	2.3	2.5	2.9	2.9
New Zealand	-	2.2	2.5	2.7	3.1
South Korea	-	4.1	3.2	3.7	4.7
Sweden	2.2	2.1	2.1	2.4	2.4
UK	2.7	2.7	3.3	3.4	3.7
United States	3.4	3.6	4.4	4.8	5.0

Na Figura 55 podemos ver a crescente diferença entre os diferentes grupos de renda nos EUA desde 1979. Pode-se supor que o quinto mais alto consiste principalmente da burguesia e uma parte significativa da classe média, no segundo quinto superior provavelmente a classe média baixa e a aristocracia trabalhista estão dominando enquanto os 60% mais baixos são principalmente da classe trabalhadora.

Figura 55: Real Annual Family Income Growth by Quintile, 1947-1979 e 1979-2010 (85)

Crescimento Real da Renda Familiar Anual por Quintile, 1947-1979 e 1979-2010

Figure 55: Real Annual Family Income Growth by Quintile, 1947-1979 and 1979-2010 ⁴⁸⁵



Outro exemplo da crescente distância entre as camadas superiores aristocráticas da classe trabalhadora e as massas proletárias pode ser visto na figura 56 seguinte. Mostra a enorme e crescente lacuna entre os trabalhadores que possuem faculdade, e, em particular, uma educação de pós-graduação e aqueles sem. Entre 1963 e 2008, a diferença já existente aumentou 40% e 80%, respectivamente.

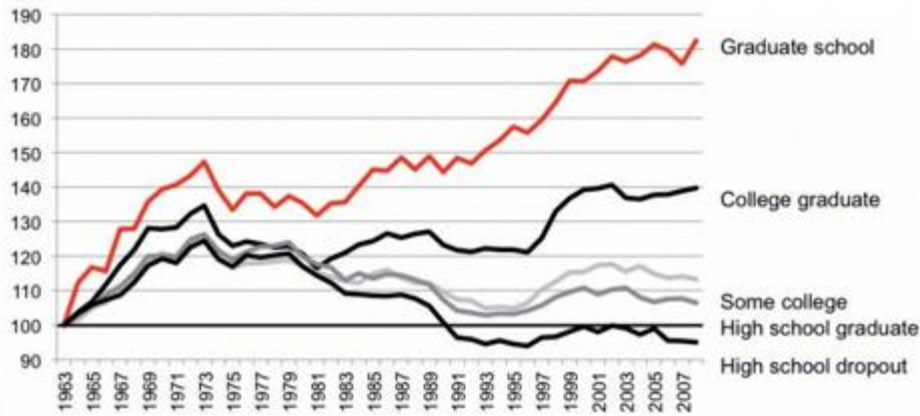
Figura 56: Mudanças nos salários dos trabalhadores em tempo integral masculinos dos EUA de acordo com seus diferentes níveis de educação, 1963-2008 (86)

Graduate school=Pós-graduação / college graduate=Graduação em faculdade

some college high school graduate= alguns graduados no Ensino Médio

high school dropout=abandono do ensino médio

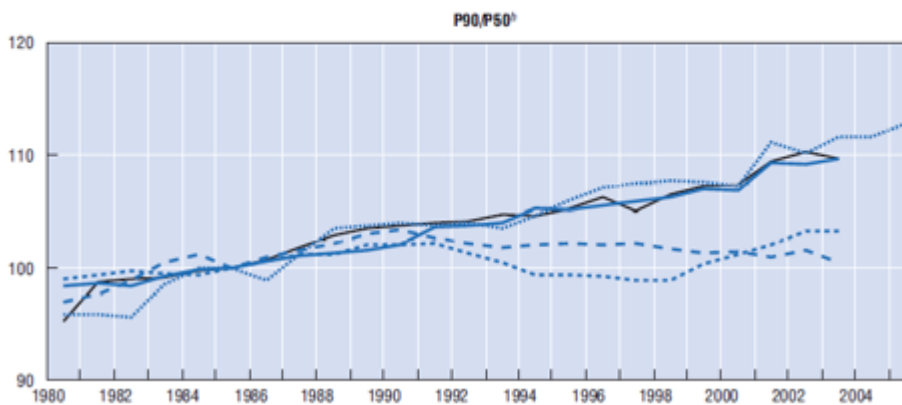
Figure 56: Changes in US Male Full-Time Workers Wages according to their different Education Levels, 1963-2008 ⁴⁸⁶



Economistas burgueses afirmam em algum momento que o aumento da desigualdade existe apenas para os mais baixos assalariados. Na próxima Figura 57 mostramos que isso não é verdade. Podemos ver – levando os números para 10 países da OCDE – que a proporção dos salários dos 10% mais ricos em comparação com os salários dos 10% médios aumentou desde 1985.

Figura 57: Aumento da desigualdade salarial nos países da OCDE, 1980-2005 (Relação de Renda entre os 10% mais ricos e o quinto médio 10% dos assalariados, Razão da Desigualdade no ano 1985=100) (87)

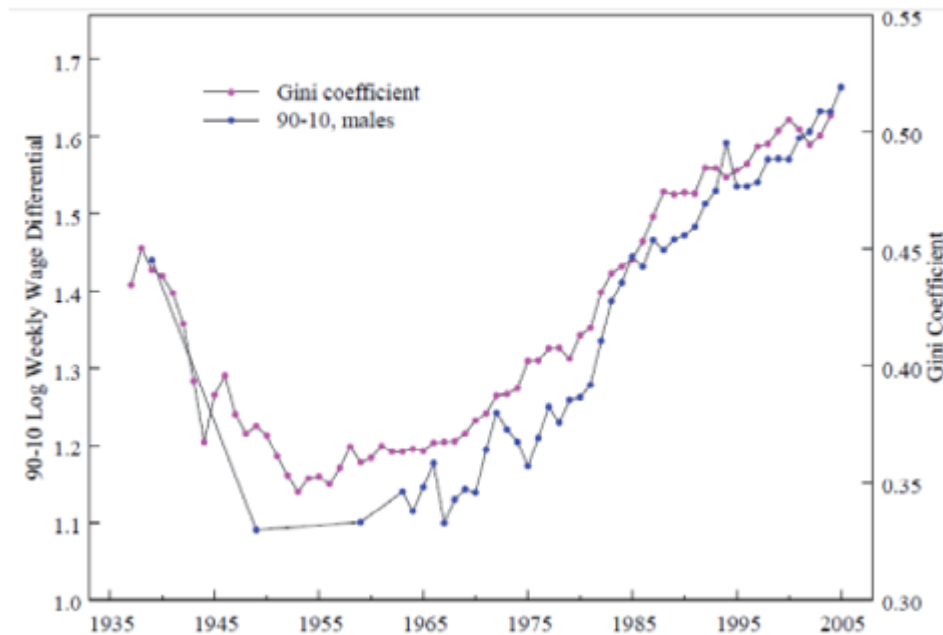
Figure 57: Increase of Wage Inequality in OECD countries, 1980-2005 (Ratio of Income between the top 10% and the middle fifth 10% of Wage Earners, Ratio Of Inequality in year 1985=100) ⁴⁸⁷



O aumento da desigualdade salarial e a crescente parcela dos estratos superiores da classe trabalhadora é, de fato, uma tendência histórica. Tomemos o exemplo dos Estados Unidos onde – após a depressão e as convulsões sociais relacionadas à guerra – houve uma tendência histórica de tal polarização começando com o início do *Longo Boom* no início dos anos 1950 até hoje (*Longo Boom* refere-se a vários períodos de crescimento econômico). A Figura 58 demonstra isso mostrando a razão dos salários masculinos dos 10% mais altos em comparação com os salários dos 10% mais baixos desde 1935.

Figura 58: Desigualdade salarial masculina dos EUA, 1937-2005 (Índice de Renda entre os 10% mais altos e os 10% mais baixos dos assalariados) (88)

Figure 58: US Male Wage Inequality, 1937-2005 (Ratio of Income between the top 10% and the bottom 10% of Wage Earners) ⁴⁸⁰



Os privilégios relativos da aristocracia trabalhista e sua base entre os trabalhadores altamente qualificados também foram confirmados pelos resultados de um relatório da OIT publicado em 2011. Analisando os desenvolvimentos salariais nos países imperialistas, chega-se à seguinte conclusão:

"Também houve um importante efeito de preços, ou seja, os ganhos dos trabalhadores de alta qualificação aumentaram significativamente em relação aos ganhos dos trabalhadores de baixa qualificação. De fato, a proporção de salários altamente qualificados para salários de baixa qualificação aumentou 72 pontos percentuais." (89)

Um argumento frequentemente usado por economistas burgueses (incluindo reformistas) para justificar o aumento da desigualdade salarial é que os trabalhadores cujos salários estão em declínio têm o problema da educação insuficiente. Daí sua "solução" para os estratos inferiores dos trabalhadores saírem da pobreza: trabalhar mais, gastar menos tempo para si mesmo e gastar mais tempo para melhorar sua educação. Assim, eles cinicamente colocam a responsabilidade pelo aumento da pobreza longe dos capitalistas e seu sistema, e ao mesmo tempo colocam a culpa sobre os ombros dos trabalhadores de estratos inferiores. Ao fazer isso, eles muitas vezes tentam criar a impressão de que este é apenas um problema para uma pequena minoria dos estratos mais baixos de assalariados. Na realidade – como mostramos nas Tabelas 50 e 51 – os chamados trabalhadores de baixa qualificação constituem em *todos* os continentes (incluindo os estados imperialistas, os chamados "países de alta renda") a maioria entre todos os assalariados. De acordo com um relatório do Banco Mundial de 2007, os trabalhadores de baixa qualificação representam 86,9% da força de trabalho global, 68% nos países imperialistas e 90,4% no mundo semicolonial e emergentes imperialistas da China. Sua participação é ainda maior do que os números apresentados nestas tabelas sugerem porque – como já dissemos antes – uma minoria dos assalariados não faz parte da classe trabalhadora, mas da classe média. Podemos ter certeza de que há muito poucos assalariados de classe média entre os assalariados de baixa qualificação mencionados aqui.

Tabela 50: Participação de trabalhadores de baixa qualificação, 1995 (em % da Oferta Total de Mão-de-Obra) (90)

OCDE/Europa Oriental & Ex-URSS/América Latina/Ásia/Global

Table 50: Share of low-skilled Workers, 1995 (in % of Total Labor Supply) ⁴⁹¹

<i>Region</i>	<i>1995</i>
OECD	63.9%
Eastern Europe & ex-USSR	63.9%
Latin America	82.5%
Asia	85.2%
Global	81.2%

Tabela 51): Trabalhadores Não Qualificados e Qualificados, 2001 (em Milhões) (91)

World region= região do mundo/ All=todos/ Unskilled= Não qualificados

Skilled= qualificados

World total= Total mundial/

High-income countries=Países de alta renda

Developing countries= Países em desenvolvimento

East Asia & the Pacific= Leste da àsia & Pacífico

China

South Asia=Sul da Ásia

India= Índia

Europe & Central Asia= Europa e Ásia Central

Middle East & North Africa=Oriente Médio & Norte da África

Sub-Saharan Africa= África Sub-Sahariana

Latin America & the Caribbean= América Latina & Caribe

Table 51: Unskilled and Skilled Workers, 2001 (in Millions) ⁴⁹²

<i>World region</i>	<i>All</i>	<i>Unskilled</i>	<i>Skilled</i>
World total	3.077	2.674	403
High-income countries	481	327	154
Developing countries	2.596	2.347	249
East Asia & the Pacific	1.060	988	71
China	773	740	33
South Asia	632	589	42
India	473	441	32
Europe & Central Asia	236	195	41
Middle East & North Africa	119	87	32
Sub-Saharan Africa	313	293	20
Latin America & the Caribbean	236	194	42

Para concluir, podemos ver que uma pequena minoria entre a classe trabalhadora (e a classe média que ganha salários) foi capaz de aumentar o valor de sua posição em comparação com a massa da classe trabalhadora. Os capitalistas monopolistas puderam suborná-los dando-lhes salários mais altos porque eles puderam aumentar seus lucros extras através da super-exploração do mundo semicolonial. Claro que para esta pequena camada aristocrática a vida sob o imperialismo capitalista não é tão difícil. Por isso, são uma importante base social para o sistema burguês e a colaboração de classes para garantir uma certa estabilidade social e política nos países imperialistas. São também uma importante base social para a burocracia trabalhista reformista que controla o movimento operário. Tudo isso demonstra novamente como Lênin estava certo quando alertou contra a influência retrógrada da burocracia e aristocracia trabalhista:

"Contra Liebknecht estão os Scheidemanns, os Südekums e toda a gangue de lacaios desprezíveis do Kaiser e da burguesia. Eles são tão traidores do socialismo quanto os Gomperses e Victor Bergers, os Hendersons e Webbs, os Renaudels e Vanderveldes. Eles representam essa camada superior dos trabalhadores que foram subornados pela burguesia, aqueles a quem nós bolcheviques chamamos (aplicando o nome aos Südekums russos, os mencheviques) "agentes da burguesia no movimento da classe trabalhadora", e a quem os melhores socialistas da América deram o título magnificamente expressivo e muito adequado: "tenentes trabalhistas da classe capitalista". Eles representam o mais recente, "moderno", tipo de traição socialista, pois em todos os países civilizados e avançados a burguesia rouba — seja pela opressão colonial ou por extrair financeiramente "ganhos" de países fracos formalmente independentes — roubam uma população muitas vezes maior que a de "seu próprio" país. Este é o fator econômico que permite à burguesia imperialista obter super-profissões, parte dos quais é usado para subornar a parte superior do proletariado e convertê-lo em uma pequena-burguesia reformista e oportunista que teme a revolução." (92)

Nikolai Bukharin, outro teórico bolchevique, escreveu em seu livro *"Imperialismo e Economia Mundial"* sobre as enormes possibilidades para o imperialismo subornar um setor da classe trabalhadora:

"Deste ângulo, devemos, antes de tudo, ver a política colonial dos Estados imperialistas.

Há uma opinião atual entre muitos internacionalistas moderados no sentido de que a política colonial não traz nada além de danos à classe trabalhadora e que, portanto, deve ser rejeitada. Daí o desejo natural de provar que as colônias não dão lucro algum, que representam um passivo, mesmo do ponto de vista da burguesia, etc. Tal ponto de vista está sendo proposto, por exemplo, por Kautsky.

A teoria infelizmente sofre de uma deficiência, ou seja, está completamente incorreta. A política colonial gera uma renda colossal às grandes potências, ou seja, às suas classes dominantes, à "confiança capitalista do Estado". É por isso que a burguesia segue uma política colonial. Sendo assim, há a possibilidade de aumentar os salários dos trabalhadores em detrimento dos selvagens coloniais explorados e dos povos conquistados.

Esses são exatamente os resultados da política colonial das grandes potências. A conta desta política é paga, não pelos trabalhadores continentais, e não pelos trabalhadores da Inglaterra, mas pelos pequenos povos das colônias. É nas colônias que todo o sangue e a sujeira, todo o horror e a vergonha do capitalismo, todo o cinismo, ganância e bestialidade da democracia moderna estão concentrados. Os trabalhadores europeus, considerados do ponto de vista do momento, são os vencedores, porque recebem incrementos em seus salários devido à 'prosperidade industrial'." (93)

Bukharin toca aqui uma questão importante: devemos dizer que os capitalistas monopolistas subornam a aristocracia trabalhista ou que subornam toda a classe trabalhadora nos países imperialistas? Queremos lidar brevemente com esta questão porque existem várias vertentes de esquerda – particularmente maoístas (como o antigo *Movimento Internacionalista Maoísta nos EUA*) – que acreditam que toda a classe operária branca nos EUA é subornada pelo imperialismo. (94)

É claro que é preciso levar em conta que Bukharin escreveu essas linhas quando os bolcheviques começaram a desenvolver sua teoria do imperialismo – na verdade, seu livro foi a primeira contribuição, para a qual Lênin escreveu o prefácio e que certamente o influenciou. No entanto,

achamos que Lênin foi muito mais claro e correto ao enfatizar que os capitalistas monopolistas subornam o estrato superior aristocrático do proletariado e não toda a classe trabalhadora.

Isso significa que a massa dos trabalhadores nos países imperialistas não lucra com a super-exploração do mundo semicolonial? Não, esta seria uma conclusão errada e superficial. *Até certo ponto*, a massa dos trabalhadores dos países imperialistas ganha, por exemplo, com a importação de mercadorias baratas de consumo, como roupas, televisão ou telefones celulares. Esta não foi a primeira vez na história do capitalismo. Por exemplo, como resultado de seu papel hegemônico mundial como potência colonial o capitalismo britânico desfrutou da deflação de preços no último trimestre do século XIX. Theodore Rothstein – um publicitário russo-judeu que vive na Grã-Bretanha que era um apoiador dos bolcheviques e líder da ala esquerda do Partido Socialista Britânico – elaborou em seu livro sobre a história do movimento operário na Grã-Bretanha o importante papel da deflação de preços no fortalecimento do reformismo e da política de colaboracionismo de classe na classe trabalhadora e, portanto, na burocracia trabalhista. (95)

Mas isso deve ser qualificado como desvantagens da globalização capitalista para a massa dos trabalhadores nos países imperialistas. A terceirização da produção, a depressão dos salários por causa do comércio internacional e da migração etc. – tudo isso é em desvantagem dos estratos inferiores e médios do proletariado nos países imperialistas. Isso tem sido reconhecido às vezes até mesmo pelos economistas burgueses. A OCDE, por exemplo, admitiu – é claro, em palavras cautelosas e algébricas necessárias a intelectuais pagos pela burguesia:

"A teoria do comércio sugere que o crescimento do comércio com os países em desenvolvimento poderia ter desempenhado um papel na causa da desigualdade de ganhos para aumentar nos países da OCDE, deprimindo os salários dos trabalhadores de baixa qualificação. Embora seja muito difícil destacar o efeito do comércio, os dados sugerem que a globalização através do aumento da terceirização contribuiu para afastar a demanda de trabalho de trabalhadores menos qualificados e, conseqüentemente, para o aumento da desigualdade de ganhos" (96)

Para nós, na CCRI, é evidente que, embora a aristocracia trabalhista tenha alguns interesses de curto prazo (mas não fundamental, histórico) na manutenção do capitalismo, este não é o caso da massa dos trabalhadores nos antigos países imperialistas. Eles não têm interesse algum em defender o sistema capitalista. Seu interesse é se juntar à grande maioria do proletariado mundial que vive nos países imperialistas semicoloniais e emergentes e lutar juntos pela revolução permanente para construir o socialismo mundial.

Liga pela Quinta Internacional-LQI-LFI: Uma defesa formal da Teoria de Lênin que rompe com seu conteúdo revolucionário

Outro desvio revisionista da teoria leninista da Aristocracia Trabalhista foi realizado pela *Liga para a Quinta Internacional* (LQI) quando degenerou do autêntico marxismo ao centrismo no início dos anos 2010. Embora ainda defenda a posição da existência de uma Aristocracia Trabalhista, seus líderes minimizam ou mesmo recusam o fato de que ela é subornada pelo capital monopolista. Em vez disso, os camaradas reduzem a essência da Aristocracia Trabalhista aos seus salários mais altos. Isso supostamente não é o resultado dos esforços corruptos da burguesia, mas sim o resultado do alto nível de organização e luta de classes militantes da Aristocracia Trabalhista. Em relação a isso, os líderes da LQI superestimam o tamanho da Aristocracia Trabalhista e tendem a vê-los como um setor-chave para a luta de classes. Seu modo de pensar é uma cópia fraca dos argumentos que Eric Hobsbawm – um excelente historiador, mas um estalinista revisionista no campo da política – apresentou em 1970 em seu artigo "*Lênin e a 'Aristocracia do Trabalho'*". (97)

Esse entendimento se reflete na última edição da revista teórica da LQI (publicada no verão de 2010) na qual tratava da questão da Aristocracia Trabalhista. Matéria afirma que o suborno pelos capitalistas não é mencionado. O artigo argumenta que os altos salários da aristocracia trabalhista são apenas um produto de sua melhor organização sindical e força militante. Não negamos que isso possa desempenhar um papel também, mas esta não é nem a causa da existência da aristocracia trabalhista nem a principal razão para seus privilégios. Como resultado, o artigo não menciona os estreitos, curtos e pequenos interesses burgueses da aristocracia trabalhista. Assim, a LQI reduz o conceito de Lenin sobre a aristocracia trabalhista a uma simples descrição da estratificação social dentro do proletariado: "*No cerne do conceito da 'aristocracia trabalhista', como usado por Lênin, então, está a simples ideia de que a classe trabalhadora é socialmente diferenciada e estratificada economicamente.*" (98)

A nova teoria da Aristocracia Trabalhista está errada em princípio, mas é particularmente errada dado o desenvolvimento real do proletariado mundial. Na verdade, corre em total contradição com o desenvolvimento real e a recomposição do proletariado. Primeiro, após o desenvolvimento do capitalismo em crise nas décadas desde a década de 1970 e os numerosos ataques da burguesia sob o pré-texto do neoliberalismo, a Aristocracia Trabalhista encolheu de tamanho. É claro que ainda existe e novas camadas aristocráticas trabalhistas surgiram (por exemplo, na indústria de TI). Mas o curso geral do desenvolvimento no período de declínio capitalista não é de uma importância crescente da Aristocracia trabalhista, mas de uma importância crescente.

Em segundo lugar, como também mostramos neste livro, uma característica essencial do desenvolvimento do proletariado mundial é que ele está se deslocando cada vez mais para o Sul e o Oriente, ou seja, para o mundo semicolonial e relativamente mais pobre, novas potências imperialistas emergentes como a China. (Veja as várias tabelas do sub-capítulo "*Produção de valor capitalista e a classe trabalhadora se movem para o Sul*" no Capítulo 4). Hoje, apenas 16,5% de todos os trabalhadores industriais vivem nos países imperialistas ricos, enquanto 83,5% deles trabalham nos países imperialistas semicoloniais e mais pobres emergentes como a China. Ao todo, pode-se ver que hoje cerca de 3/4 do proletariado mundial vivem nos países imperialistas semicoloniais e mais pobres emergentes como a China. Este é um fator adicional que mostra o declínio global do peso econômico da Aristocracia trabalhista nas metrópoles imperialistas.

No entanto, ao mesmo tempo, a Aristocracia Trabalhista – juntamente com a inteligência pequeno-burguesa progressiva – mantém uma forte influência dentro do movimento operário e da esquerda no Ocidente por seu domínio no topo dos sindicatos e partidos reformistas. Isso também se reflete no que rotulamos como "*aristocrata*", ou seja, os diversos preconceitos retrógrados da aristocracia trabalhista e da inteligência progressista que encontra seu caminho na política e em toda a cultura política do movimento operário no Ocidente. Isso leva à marginalização dos oprimidos e dos estratos inferiores da classe trabalhadora do movimento operário. Leva à ignorância de questões importantes e lutas dessas camadas pelo movimento operário nos países imperialistas. (por exemplo, as lutas anti-imperialistas no Sul ou os migrantes lutam por direitos democráticos). Um exemplo prático desse *aristocratismo* foi a vergonhosa ignorância ou mesmo a condenação pela esquerda centrista do evento conhecido como a Revolta dos Pobres, Negros e Migrantes na Grã-Bretanha em 2011, depois que a polícia racista atirou em Mark Duggan. (99)

O contínuo domínio do *aristocratismo* ajuda a burocracia trabalhista a manter seu controle sobre o movimento operário. Como afirmamos em nosso programa, o problema do aristocratismo deve, portanto, ser enfrentado para combater com sucesso o controle dos burocratas reformistas sobre o movimento operário:

"Por isso, vemos a crescente importância central dos estratos inferiores e médios do proletariado (incluindo muitos imigrantes, minorias nacionais, mulheres, jovens) para o avanço da luta de classes e a renovação do movimento sindical. (...) Segue-se que a luta pela independência política e organizacional da classe trabalhadora se concentra particularmente na ampla massa da classe trabalhadora – ou seja, suas classes baixa e média." (100)

Geralmente, um exagero tão oportunista do suposto caráter progressista da aristocracia trabalhista é combinado com uma subestimação da importância dos estratos médios e inferiores da classe trabalhadora e das camadas oprimidas nacionais. Para usar novamente a LQI como um exemplo de esquerda-centrista para esta aristocracia operária, tal atitude pode levar a uma negação da natureza sistemática da opressão nacional e da super-exploração econômica dos migrantes nos países imperialistas. É por isso que a LQI nega a natureza dos migrantes como "*minorias nacionais oprimidas*" – se colocando de forma oposta a importantes líderes marxistas como James P. Cannon, militante histórico dos trotskistas dos EUA, que disse que "*os trabalhadores imigrantes de língua estrangeira ocupam a posição de uma minoria nacional*" (101). É por isso que a LQI rejeita nossas análises sobre os migrantes nos países imperialistas em que afirmamos que "*em sua enorme maioria, são camadas nacionalmente oprimidas e super-exploradas da classe trabalhadora*". Ao mesmo tempo, eles tendem a acolher a assimilação dos migrantes na nação majoritária como progressista.

Uma conclusão muito mais reacionária de uma compreensão errônea das questões da aristocracia trabalhista e do caráter da opressão dos migrantes foi o vergonhoso apoio de muitos esquerdistas e centristas britânicos – como o estalinista Partido Comunista da Bretanha-PCB, o CWI, a TMI etc. – para a greve chauvinista "*Empregos Britânicos para trabalhadores britânicos*" em 2009. Naquela época, os trabalhadores britânicos na Refinaria de Petróleo Lindsey queriam impedir a contratação de

trabalhadores migrantes – uma campanha social-chauvinista que os revolucionários marxistas condenaram corretamente e fortemente. (102)

Esses centristas ignoram a ideia fundamental do marxismo de que a luta consistente contra o chauvinismo é de maior importância para a libertação da classe trabalhadora da nação opressora. Enquanto a classe trabalhadora da nação opressora estiver cheia de preconceitos chauvinistas contra seus irmãos de classe e irmãs de uma nação oprimida, ela está ideologicamente ligada à sua classe dominante. É por isso que Friedrich Engels fez sua famosa declaração:

"Uma nação não pode se tornar livre e, ao mesmo tempo, continuar a oprimir outras nações." (103)

Nós, da CCRI, por outro lado, enfatizamos o caráter inerente à opressão nacional e à super-exploração aos migrantes nos países imperialistas. Salientamos que, para produzir a maior unidade possível da classe trabalhadora multinacional, o movimento operário deve lutar consistentemente contra todas as formas de opressão nacional e super-exploração dos migrantes, bem como contra preconceitos racistas. Com isso, podem enfraquecer o terreno para tendências de isolamento nacionalista, promovidas por líderes pequeno(burgueses) das comunidades migrantes. Os bolcheviques-comunistas defendem, portanto, a completa igualdade de todos os grupos nacionais em um país. Isso significa direitos de cidadania plena, salários iguais, tratamento igualitário das línguas dos migrantes nas escolas e em todas as instituições públicas, autogoverno local de áreas com alta proporção de migrantes etc.

Nosso objetivo é a *integração revolucionária*, não a "assimilação". Integração revolucionária significa o estabelecimento da unidade internacional da classe trabalhadora de todos os países e a unidade internacionalista da classe trabalhadora multinacional em cada país. Essa unidade nunca pode ser alcançada pela pressão e força, mas apenas com base na voluntariedade e na igualdade.

Tal unidade só pode ser alcançada na luta de classes em conjunto, através da luta de classes em conjunto, e através da organização revolucionária conjunta. A CCRI apela, portanto, por um movimento revolucionário dos migrantes como parte da 5ª Internacional dos Trabalhadores e pelo direito de reunião para os migrantes nos sindicatos e organizações do movimento operário! Uma organização revolucionária que quer construir um partido revolucionário – ou seja, um partido que tem o objetivo de libertar a classe trabalhadora e todos os oprimidos – deve ser liderada e dominada em sua composição por trabalhadores, mulheres, migrantes, nações oprimidas, etc. (104)

Os centristas não conseguem ver a estreita conexão entre o imperialismo e as divisões dentro do proletariado entre a aristocracia trabalhista e os estratos inferior e médio – entre os quais os migrantes desempenham um papel importante. Daí a necessidade indispensável de lutar contra todas as formas de "aristocracia" dentro do movimento operário e a favor da completa solidariedade internacionalista com as lutas de libertação dos povos oprimidos. É neste espírito que Lênin declarou:

"O importante não é se um cinquenta ou um centésimo das pequenas nações são libertadas antes da revolução socialista, mas o fato de que na época do imperialismo, devido a causas objetivas, o proletariado foi dividido em dois campos internacionais, um dos quais foi corrompido pelas migalhas que caem da mesa da burguesia da

nação dominante — obtida, entre outras coisas. , da dupla ou tripla exploração das pequenas nações — enquanto a outra não pode se libertar sem libertar as pequenas nações, sem educar as massas em um espírito anti-chauvinista, ou seja, anti-anexacionista, ou seja, "auto-determinacionista",espírito." (105)

1 Programação der Kommunistischen Partei Rußlands (Bolschewiki) (1919); in: Boris Meissner: Das Parteiprogramm der KPdSU 1906-1961, Köln 1962, p. 124; em inglês: Programa da CPSU (bolcheviques): adotado em 22 de março de 1919 no Oitavo Congresso do Partido Comunista Russo

2 V. I. Lenin: Carta aos trabalhadores alemães e franceses. Sobre a Discussão sobre o Segundo Congresso da Internacional Comunista (1920), em: LCW Vol. 31, pp. 281-282

3 Leon Trotsky: Crise no Bloco centro-direito (1928); in: Leon Trotsky: O Desafio da Oposição de Esquerda (1928-29), pp. 311-12

4 Leon Trotsky: Independência da Ucrânia e Confusão Sectária (1939); in: Escritos 1939-40, p. 54

5 Veja, por exemplo, Leon Trotsky: Centrismo e a Quarta Internacional (1939), em: Leon Trotsky: On France, New York 1979, p. 214

6 Chris Harman (SWP): Analisando o Imperialismo, p. 71

7 Chris Harman (SWP): Analisando o Imperialismo, p. 33

8 Chris Harman (SWP): Analisando o Imperialismo, p. 32

9 John Rees: Imperialismo: globalização, estado e guerra; in: International Socialism Journal, Edição nº 93 (2001), p. 26f.; <http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/isj93/rees.htm>

10 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Dominação imperialista moderna e fundamentalismo islâmico (2008); <http://marxist.cloudaccess.net/impire/115-modern-imperialist-domination-and-islamic-fundamentalism.html#>. Este é um documento do IRMT que eles originalmente escreveram na época em que eles eram membros da "Tendência Marxista Internacional" de Alan Woods e do falecido Ted Grant. Foi escrito no contexto de uma discussão antes e em torno do Congresso do IMT de 2008. Yossi Schwartz, um marxista israelense (que na época era membro do IMT também) tomou corretamente a posição de apoio à luta militar dos palestinos e do Hezbollah libanês contra o Estado israelense. Ele também defendeu a defesa do Irã – incluindo o apoio a uma luta militar do exército iraniano – contra um ataque imperialista. Os camaradas do IRMT e a liderança do IMT naturalmente argumentaram contra a posição anti-imperialista.

11 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Dominação imperialista moderna e fundamentalismo islâmico. (Ênfase no original)

12 Calculamos este número com base em números dados por Angus Maddison: Enquanto a população mundial em 1913 era de 1791 milhões de pessoas, 560,6 milhões de pessoas viviam nos

países semicoloniais: China (437 milhões), América Latina (80,5 milhões), Turquia (15 milhões; este país não era uma semi-colônia em 1913, mas a partir de 1920), Irã (11 milhões), Tailândia (8,6 milhões), Afeganistão (5,7 milhões) e Arábia Saudita (2,6 milhões). Infelizmente Maddison não fornece números para a Libéria e Etiópia para 1913. (Ver Angus Maddison: A Economia Mundial, Volume 1: Uma Perspectiva Milenar, Volume 2: Estatística Histórica, Estudos do Centro de Desenvolvimento 2006, p. 175, 213 e 241)

13 Veja, por exemplo, V. I. Lenin: Imperialismo. O Estágio Mais Alto do Capitalismo (1916); in: LCW Vol. 22, p. 258

14 Comunista Internacional: Teses sobre a Questão Oriental, 5 de Dezembro de 1922, Quarto Congresso da Internacional Comunista, em: Jane Degras: The Communist International 1919-1943. Documentos Volume I 1919-1922, p. 383; Republicamos esta tese na revista de língua inglesa Revolutionary Communism nº 6 da CCRI. Na internet pode ser encontrado em <http://marxists.org/history/international/comintern/4th-congress/eastern-question.htm> (A tradução da versão da internet não é idêntica à versão do livro de Degas. Aqui usamos a versão de Degas.)

15 Comunista Internacional: Teses sobre a Questão Oriental, p. 384

16 Comunista Internacional: Teses sobre a Questão Oriental, p. 389

17 Leo Trotzki: Aussichten und Aufgaben im Osten (1924); in: Schriften 2.1, p. 52; em inglês: Leon Trotsky: Perspectivas e Tarefas no Oriente. Discurso no terceiro aniversário da Universidade Comunista para Toilers of the East (1924), <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1924/04/perspectives.htm>

18 Leo Trotzki: Weitere Diskussionen über das Übergangsprogramm (1938) em: Der Todeskampf des Kapitalismus und die Aufgaben der IV. Internationale. Schriften zum Programação, p. 70; em inglês: Leon Trotsky: Discussões com Trotsky sobre o Programa transitório (junho de 1938), <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1938/tp/tpdiscuss.htm>

19 Leo Trotzki: Revolução und Krieg na China (Vorwort zu Harold Isaacs' 'A Tragédia da Revolução Chinesa') (1938); in: Schriften 2.2, p. 911; em inglês: Leon Trotsky: A Revolução Chinesa (Introdução a Harold R. Isaacs, A Tragédia da Revolução Chinesa, Londres 1938); <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1938/xx/china.htm>

20 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Onde devemos ficar se EUA-Israel atacar o Irã? 25 de janeiro de 2012, em: Renascimento Marxista nº 12, dezembro de 2011/janeiro de 2012, p. 3, <http://marxist.cloudaccess.net/mideast/233-where-should-we-stand-if-us-israel-attack-iran.html>

21 Alex Callinicos: Marxismo e Imperialismo hoje, em: A. Callinicos, J. Rees, C Harman & M. Haynes: Marxismo e o Novo Imperialismo, Londres 1994, p. 22 e 27

- 22 V. I. Lenin: Imperialismo e a divisão no socialismo (1916); in: LCW Vol. 23, p. 106. Veja também, por exemplo V. I. Lenin: A Discussão sobre Autodeterminação Resumida (1916); in: LCW Vol. 22, pp. 341-42 ou várias observações de Lênin em seu livro sobre o imperialismo.
- 23 Karl Marx: Das Kapital, Banda III, MEW 25, p. 825; em inglês: Karl Marx: Capital, Vol. III, Capítulo 48
- 24 Abram Deborin: Lenin als revolutionärer Dialektiker (1925); in: Nikolai Bucharin/Abram Deborin: Kontroversen über dialektischen und mechanistischen Materialismus, Frankfurt a.M. 1974, p. 57 (nossa tradução)
- 25 W. I. Lenin: Randbemerkungen zu Nikolai Bucharins 'Ökonomik der Transformationsperiode' (1920), Wien 1929, p. 31; em inglês: W. I. Lenin: Notas sobre Nikolai Bukharins 'Economics of the Transformation period' (1920) (nossa tradução para o inglês)
- 26 V. I. Lenin: Rascunho de Teses sobre Questões Nacionais e Coloniais para o Segundo Congresso da Internacional Comunista); in: LCW Vol. 31, p. 150
- 27 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Onde devemos estar se EUA-Israel atacar o Irã?, p. 3
- 28 Leo Trotzki: Aussichten und Aufgaben im Osten (1924); in: Leo Trotzki: Europa und Amerika (Zwei Reden), Berlim 1926, pp. 110-111.; em inglês: Leon Trotsky: Perspectivas e Tarefas no Oriente. Discurso no terceiro aniversário da Universidade Comunista para Toilers of the East (1924), <http://www.marxists.org/archive/trotsky/1924/04/perspectives.htm>
- 29 V. I. Lenin: Uma caricatura do marxismo e do economismo imperialista; in: LCW Vol. 23, p. 64 (Ênfase no original)
- 30 UNIDO: Indústria em um Mundo Em Mudança, Nova Iorque 1983, p. 92
- 31 Celso Furtado: Desenvolvimento Econômico da América Latina. Histórico e problemas contemporâneos, Nova Iorque 1984, p. 105
- 32 Celso Furtado: Desenvolvimento Econômico da América Latina. Histórico e problemas contemporâneos, Nova Iorque 1984, p. 108
- 33 Gerold Ambrosiu e William H. Hubbard: Sozial- und Wirtschaftsgeschichte Europas im 20. Jahrhundert, München 1986, p. 61
- 34 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Dominação imperialista moderna e fundamentalismo islâmico (Ênfase no original)
- 35 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Dominação imperialista moderna e fundamentalismo islâmico

36 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Dominação imperialista moderna e fundamentalismo islâmico

37 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Onde devemos ficar se EUA-Israel atacar o Irã? 25 de janeiro de 2012, p. 2

38 Comunista Internacional: Teses sobre a Questão Oriental, 5 de Dezembro de 1922, Quarto Congresso da Internacional Comunista, em: Jane Degras: The Communist International 1919-1943. Documentos Volume I 1919-1922, p. 385

39 Roger Shrikes: Falklands/Malvinas 1982 - Thatcher's War Of Saving Face, in: The Socialist (CWI) 3 may 2002, http://www.socialistparty.org.uk/html_article/2002-252-index#article4

40 Peter Taaffe: Afeganistão, Islã e a Esquerda Revolucionária (2002), CWI, <http://www.socialistworld.net/pubs/afghanistan/afghanchp1.html>

41 Grigori Sinowjew: Die russische Sozialdemokratie und der russische Sozialchauvinismus (1915); em: W. I. Lenin/G. Sinowjew: Gegen den Strom. Aufsätze aus den Jahren 1914-1916, Hamburgo 1921, pp. 174-175 (nossa tradução)

42 Leon Trotsky: A Terceira Internacional Depois de Lênin, Nova Iorque 1970, p. 174

43 Veja o BusinessWeek Global 1000, em: BusinessWeek, 14. julho de 2003

44 Ver Banco Mundial: Relatório de Desenvolvimento Mundial 2008, pp. 334-335

45 Ver Hans M. Kristensen e Robert S. Norris: Forças nucleares britânicas, 2011, Boletim dos Cientistas Atômicos 2011, <http://bos.sagepub.com/content/67/5/89.full.pdf+html>; Laurent Joachim: A despesa da guerra. Bilhões de dólares do Estado para chumbo, aço, explosivos e eletrônicos, 10.06.2012, <http://heise-online.mobi/tp/artikel/37/37028/1.html?from-classic=1>

46 Lynn Walsh: Falklands foi: que lições para o movimento trabalhista?; in: Militant International Review, nº 22, junho de 1982; reimpresso pelo Partido Socialista (CWI): Falklands foi: que lições para o movimento trabalhista?; in: Socialismo Hoje, nº 108, abril de 2007, <http://www.socialismtoday.org/108/falklands.html>

47 Daniel Chudnovsky e Andrés Lopez: Investimento Estrangeiro e Desenvolvimento Sustentável na Argentina, Grupo de Trabalho em Desenvolvimento e Meio Ambiente nas Américas, Artigo de Discussão nº 12, abril de 2008, p. 6; http://ase.tufts.edu/gdae/Pubs/rp/DP12Chudnovsky_LopezApr08.pdf

48 Mia de Graaf: Limitando a Propriedade da Terra Estrangeira: Uma Lei em Construção, 28 de Setembro de 2011. <http://www.argentinaindependent.com/currentaffairs/newsfromargentina/limiting-foreign-land-ownership-a-law-in-the-making>

49 Argentina - serviço total da dívida. Serviço total da dívida (% das exportações de bens, serviços e renda); <http://www.indexmundi.com/facts/argentina/total-debt-service>; Banco Mundial: Global: Financiamento do Desenvolvimento 2012. Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento, p. 68

50 Wolfram Klein: Origens da Revolução Colonial (1991); in: Die Kolonialer Revolution, publicado por Stuttgart VORAN supporters (1991), p. 6 (Ênfase no Original; nossa tradução). O original alemão é: "Se um país é imperialista depende de sua estrutura econômica e dos interesses da classe dominante determinado por ele, mesmo um país subdesenvolvido, no qual a pouca indústria existente é altamente monopolizada e entrelaçada com os bancos, é imperialista. (se os capitalistas são pelo menos fortes que governam e não qualquer grande proprietário de terras). A burguesia de um país colonial como a Índia também tenta sugar seus lucros de outros países, se puder. Suas tentativas de trazer o Sri Lanka para a dependência mostraram isso. A anexação do Kuwait por Saddam Hussein também foi imperialista. No entanto, são apenas poderes regionais imperialistas."

51 Ver Peter Taaffe: Afeganistão, Islã e a Esquerda Revolucionária (2002), CWI, <http://www.socialistworld.net/pubs/afghanistan/afghanchp1.html>

52 Alex Callinicos: Marxismo e Imperialismo hoje, em: A. Callinicos, J. Rees, C Harman & M. Haynes: Marxismo e o Novo Imperialismo , Londres 1994, p. 37

53 Arturo O'Connell: O Retorno da "Vulnerabilidade" e o Pensamento Precoce de Raúl Prebisch sobre o "Ciclo de Negócios Argentino"; in: CEPAL REVIEW 75 (dezembro de 2001), p. 61

54 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Onde devemos ficar se EUA-Israel atacar o Irã? 25 de janeiro de 2012, p. 2

55 Iwan K. Luppol: Lenin und die Philosophie. Zur Frage des Verhältnisses der Philosophie zur Revolution (1928), p. 202 (nossa tradução)

56 Leon Trotsky: Tendências Filosóficas do Burocratismo; in: Leon Trotsky: O Desafio da Oposição de Esquerda (1928-29), p. 399

57 Maziar Razi e Morad Shirin (IRMT): Dominação imperialista moderna e fundamentalismo islâmico (minha ênfase)

58 Tony Cliff (SWP): Revolução Permanente Desviada (1963), <http://www.marxists.org/archive/cliff/works/1963/xx/permrev.htm>; veja sobre este também Tony Cliff: Die Ursprünge der Internationalen Sozialisten. Die Weiterentwicklung der Theorien Trotskis nach 1945, Frankfurt a. M. 2000, p. 76

Nigel Harris: Imperialismo Hoje, em: Nigel Harris, John Palmer (Editores): Crise Mundial. Ensaios em Socialismo Revolucionário, Londres 1971, p. 129

60 Comunista Internacional: Teses sobre a Questão Oriental, 5 de Dezembro de 1922, Quarto Congresso da Internacional Comunista, em: Jane Degras: The Communist International 1919-1943. Documentos Volume I 1919-1922, pp. 390-91

61 Alex Callinicos: Marxismo e Imperialismo hoje, em: A. Callinicos, J. Rees, C Harman & M. Haynes: Marxismo e o Novo Imperialismo , Londres 1994, p. 45

62 Alex Callinicos: Marxismo e Imperialismo hoje, p. 45

63 Alex Callinicos: Relatório da Conferência; in: Trabalhador Socialista, 29 de Setembro de 1987; citado em: Poder dos Trabalhadores: SWP: posições erradas sobre o Irã e o Iraque, 6.2.1988, <http://www.fifthinternational.org/content/swp-wrong-positions-iran-and-iraq>

64 Alex Callinicos: Marxismo e Imperialismo hoje, pp. 50-51

65 Alex Callinicos: Marxismo e Imperialismo hoje, p. 51

66 Alex Callinicos: Marxismo e Imperialismo hoje, p. 49

67 Referimos os leitores também a uma extensa crítica à distorção SWP/IST da teoria marxista do imperialismo que empreendemos em nossa organização antecessora – a Liga para uma Internacional Comunista Revolucionária (mais tarde renomeada para LFI): Paul Morris: O SWP, o imperialismo e a "verdadeira tradição marxista"; in: Trotskista Internacional, Nº 17 (1995)

68 Angus Maddison: A Economia Mundial, Volume 1: Uma Perspectiva Milenar, Volume 2: Estatística Histórica, Estudos do Centro de Desenvolvimento 2006, p. 126

69 Angus Maddison: A Economia Mundial, Volume 1: Uma Perspectiva Milenar, Volume 2: Estatística Histórica, Estudos do Centro de Desenvolvimento 2006, p. 126

70 Elif Çağlı: Sobre o Sub-imperialismo: Poder Regional Turquia, Tutum Marxista, Agosto de 2009, http://en.marksist.net/elif_cagli/on_sub_imperialism_regional_power_turkey.htm

71 UNCTAD: Relatório Mundial de Investimentos 2012, p. 175

72 Abram Deborin: Lenin als revolutionärer Dialektiker (1925); in: Nikolai Bucharin/Abram Deborin: Kontroversen über dialektischen und mechanistischen Materialismus, Frankfurt a.M. 1974, p. 79 (nossa tradução)

73 Turquia - serviço total da dívida. Serviço total da dívida (% das exportações de bens, serviços e renda); <http://www.indexmundi.com/facts/turkey/total-debt-service>; Banco Mundial: Global: Development Finance 2012. Dívida Externa dos Países em Desenvolvimento, p. 294

74 Spengler: O horizonte entra em colapso no Oriente Médio, Asia Times Online, 10.10.2012, http://www.atimes.com/atimes/Middle_East/NJ10Ak02.html

75 Spengler: O horizonte entra em colapso no Oriente Médio, Asia Times Online, 10.10.2012

76 Ver Recai Coskun: Determinantes do investimento estrangeiro direto na Turquia; in: European Business Review Vol. 13, No 4 (2001), p. 221

77 Ver Yener Altunbas, Alper Kara e Ozlem Olgu Akdeniz: Produtividade dos Bancos Comerciais Turcos: Efeitos da Propriedade Estrangeira (2008); http://wolpertinger.bangor.ac.uk/papers_2008/productivity_altunbas.doc Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento: Estratégia para a Turquia (2012), p. 37

78 Banco Europeu para Reconstrução e Desenvolvimento: Estratégia para a Turquia (2012), p. 21

79 Ver A. Erinc Yeldan: Turquia e a Longa Década com o FMI: 1998-2008, International Development Economics Associates, (IDEAs), 2008, www.networkideas.org

80 Tony Cliff: Raízes Econômicas do Reformismo (Londres 1957), citado em Workers Power: The British working class today; in: Permanent Revolution No. 7 (1988), p. 24. A Revolução Permanente foi o jornal da seção britânica da nossa organização antecessora, a Liga para a Internacional Comunista Revolucionária.

81 Chris Harman (SWP): Analisando o Imperialismo (Verão de 2003); in: Socialismo Internacional 2:99, pp. 39-40; <http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/isj99/harman.htm>

82 Operário Socialista 28 de Abril de 1979. Citado em David Yaffe: A aristocracia e imperialismo trabalhista (Parte 4), em: FRFI 164 dezembro 2001 / janeiro de 2002, <http://www.revolutionarycommunist.org/index.php/britain/1138-the-labour-aristocracy-and-imperialism-part-4-frfi-164-dec-2001-jan-2002>

83 OCDE: Globalização, Empregos e Salários (2007), Política de Observadores da OCDE Breve, p. 4

84 Stephen Machin e John Van Reenen: Desigualdade: Ainda Maior, mas as políticas trabalhistas mantiveram-no para baixo (2010), p. 4; <http://cep.lse.ac.uk/pubs/download/ea015.pdf>

85 Center for Popular Economics: Economics for the 99%, New York 2012, p. 11

86 Derek Thompson: As 11 figuras que supostamente provam que o Ocidente está condenado, 7 de agosto de 2012, <http://www.theatlantic.com/business/archive/2012/08/the-11-figures-that-allegedly-prove-that-the-west-is-doomed/260750>

87 OCDE: Perspectiva de Emprego (2007), p. 118

88 John Van Reenen: Desigualdade Salarial, Tecnologia e Comércio: Evidência do Século XXI (2011), Centro de Desempenho Econômico, p. 26

89 OIT: World of Work Report 2011, p. 59

90 Arjan M. Lejour e Paul J.G. Tang: Globalização e desigualdade salarial (1999), CPB Netherlands Bureau of Economic Policy Analysis, p. 21;

<https://www.gtap.agecon.purdue.edu/resources/download/1260.pdf>. Segundo os autores, os trabalhadores são rotulados como de alta habilidade quando concluíram pelo menos o ensino médio.

91 Banco Mundial: Perspectivas Econômicas Globais 2007. Gerenciando a próxima onda de globalização, p. 110

92 V. I. Lenin: Carta aos Trabalhadores da Europa e América (1919); em: LCW 28, p. 433

93 Nikolai Bukharin: Imperialismus und Weltwirtschaft (1915), Wien 1929, p. 185; em inglês: Nikolai Bukharin: Imperialismo e Economia Mundial (1915), Londres, Martin Lawrence Limited, pp. 164-165

94 Veja, por exemplo, as seguintes publicações do Movimento Internacionalista Maoísta (MIM): Enfrentando a Aristocracia Trabalhista, em: MIM THEORY nº 10 (1996); MIM: Imperialismo e Sua Estrutura de Classes em 1997 (1997). Embora discordemos fortemente da linha ultradireita e das conclusões expressas nestes documentos, não se pode deixar de observar que a tentativa desses camaradas maoístas de analisar a relação do proletariado e do imperialismo é certamente mais grave do que muitos escritos dos chamados trotskistas que preferem simplesmente ignorar a questão da aristocracia trabalhista.

95 Ver Theodore Rothstein: Beiträge zur Geschichte der Arbeiterbewegung na Inglaterra, Wien 1929, Capítulo "Die Periode des Trade Unionismus"

96 OCDE: Globalização, Empregos e Salários (2007), Política de Observadores da OCDE Breve, p. 4

97 Ver Eric Hobsbawm: Lênin e a "Aristocracia do Trabalho" (1970), republicado em Monthly Review 2012, Volume 64, Edição 07 (dezembro), <http://monthlyreview.org/2012/12/01/lenin-and-the-aristocracy-of-labor>

98 Luke Cooper "Teorias do desenvolvimento capitalista tardio: Harvey e Callinicos sobre o imperialismo contemporâneo"; in: Quinto Volume Internacional 3 Edição 4, Outono 2010, p. 21, <http://www.fifthinternational.org/content/theories-late-capitalist-development-harvey-and-callinicos-contemporary-imperialism>

99 Nossa análise, perspectivas e táticas da Revolta de Agosto na Grã-Bretanha de 2011 foram publicadas em nosso periódico Revolutionary Communism No. 1, pp. 17-41 (setembro de 2011). Eles também podem ser lidos em nosso site. Veja: Nina Gunić e Michael Pröbsting: A tarefa estratégica: Da revolta à revolução! Estes não são "motins", – esta é uma revolta dos pobres nas cidades da Grã-Bretanha!, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/britain-uprising-of-the-poor/>; RKOB: A Revolta de Agosto na Grã-Bretanha - Um relatório da delegação do RKOB em sua visita em Londres em agosto de 2011, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/britain-report-from-uprising/>; Michael Pröbsting: O que uma organização revolucionária teria feito? Revolta de agosto dos pobres, os nacional e racialmente oprimidos na Grã-Bretanha, <http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/britain-august-uprising/>; Michael Pröbsting: Cinco dias que sacudiram a Grã-Bretanha, mas não acordaram a esquerda. A falência da esquerda

durante a revolta de agosto dos oprimidos na Grã-Bretanha: suas características, suas raízes e o caminho a seguir, <http://www.thecommunists.net/theory/britain-left-and-the-uprising/>)

100 Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI): O Manifesto Comunista Revolucionário, publicado em 2012, p. 30; online no site da CCRI em www.thecommunists.net/rcit-manifesto

101 James P. Cannon: A História do Trotskismo Americano (1942), Nova Iorque 1972, p. 7

102 Para nossa posição sobre essas greves reacionárias, referimos-nos à resolução da declaração da organização ainda revolucionária Poder dos Trabalhadores: Não às greves nacionalistas, 1 de fevereiro de 2009, <http://www.workerspower.com/index.php?id=47,1821,0,0,1,0> e um artigo que Michael Pröbsting escreveu em língua alemã: Einleitung der Liga der Sozialistischen Revolution zur Stellungnahme Britannien: Nein zu den nationalistischen Streiks!, 5.2.2009, <http://arbeiterinnenstandpunkt.net/phpwcms/index.php?id=25,579,0,0,1,0>

103 Friedrich Engels: Reden über Polen (1847); in: MEW 4, p. 417; em inglês: Friedrich Engels: Speech on Poland (1847), Speeches at the International Meeting, realizado em Londres, em 29 de novembro de 1847, para marcar o 17º Aniversário da Revolta Polonesa de 1830, <http://www.marxists.org/archive/marx/works/1847/12/09.htm#engels>

104 Veja neste Michael Pröbsting: Marxismo, Migração und revolutionäre Integration (2010); in: Der Weg des Revolutionären Kommunismus, Nr. 7, <http://www.thecommunists.net/publications/werk-7/>; em inglês: Michael Pröbsting: Marxismo, Migração e Integração Revolucionária, em: Comunismo Revolucionário, Nº 1 (English-Language Journal of the RCIT), <http://www.thecommunists.net/oppressed/revolutionary-integration/>; RCIT: O Manifesto Comunista Revolucionário (2012), p. 51, <http://www.thecommunists.net/rcit-manifesto/fight-against-oppression-of-migrants>

105 V. I. Lenin: A Discussão sobre Autodeterminação Resumida (1916) ; in: LCW Vol. 22, p. 343